



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

CENTRO DE HUMANIDADES

UNIDADE ACADÊMICA DE GEOGRAFIA

CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

Nívea Regina de Meneses

TERRITÓRIO E TERRITORIALIDADE DA IGREJA ASSEMBLÉIA DE DEUS: um breve  
estudo de caso do Distrito Catolé de Boa Vista, Campina Grande-PB

CAMPINA GRANDE-PB

2021

Nívea Regina de Meneses

TERRITÓRIO E TERRITORIALIDADE DA IGREJA ASSEMBLÉIA DE DEUS: um breve  
estudo de caso do Distrito Catolé de Boa Vista, Campina Grande-PB

Monografia apresentada ao Curso de Geografia da  
Universidade Federal de Campina Grande, como  
requisito para obtenção de título de Licenciada em  
Geografia.

Orientador: Prof<sup>o</sup> Dr. Thiago Romeu de Souza

CAMPINA GRANDE – PB

2021

NÍVEA REGINA DE MENESES

TERRITÓRIO E TERRITORIALIDADE DA IGREJA ASSEMBLÉIA DE DEUS: um breve  
estudo de caso do Distrito Catolé de Boa Vista, Campina Grande-PB

Aprovado em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2021

BANCA EXAMINADORA

---

Thiago Romeu de Souza

Universidade Federal de Campina Grande – UFCG

ORIENTADOR

---

Prof<sup>o</sup>. Dr. Sérgio Luiz Malta de Azevedo

Universidade Federal de Campina Grande - UFCG

1º EXAMINADOR

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Verena Sevá Nogueira

Universidade Federal de Campina Grande - UFCG

2º EXAMINADOR

## LISTA DE FIGURAS

|                                                                                                  |      |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------|------|
| <b>Figura 1</b> - Mapa da imigração dos Suecos para o Brasil.....                                | p.8  |
| <b>Figura 2</b> - Mapa da localização do município de Campina Grande-PB.....                     | p.16 |
| <b>Figura 3</b> - Viaduto Pastor Pacheco de Brito, Campina Grande, PB.....                       | p.18 |
| <b>Figura 4</b> - Capa da revista.....                                                           | p.26 |
| <b>Figura 5</b> - Sumário da revista.....                                                        | p.26 |
| <b>Figura 6</b> - Exemplo das convenções ADS.....                                                | p.32 |
| <b>Figura 7</b> - Hierarquia da liderança AD.....                                                | p.34 |
| <b>Figura 8</b> - Divisão territorial das ADS.....                                               | p.35 |
| <b>Figura 9</b> - Igreja sede da COMEAD-CGPB, bairro da Prata.....                               | p.38 |
| <b>Figura 10</b> - Localização das igrejas centrais dos campos das ADs em Campina Grande-PB..... | p.39 |
| <b>Figura 11</b> - Localização do Distrito Catolé de Boa Vista, Campina Grande- PB.....          | p.41 |
| <b>Figura 12</b> - Congregação da Quixaba.....                                                   | p.42 |
| <b>Figura 13</b> - Congregação do Boi velho.....                                                 | p.43 |
| <b>Figura 14</b> - Igreja sede do campo Catolé de Boa Vista.....                                 | p.43 |
| <b>Figura 15</b> - Símbolo das ADs da convenção COMEAD-CGPB.....                                 | p.44 |

## RESUMO

O presente trabalho visa discutir acerca dos territórios e territorialidades da Assembleia de Deus (AD), que, atualmente é considerada a denominação religiosa pentecostal detentora de mais fieis no Brasil. Assim, fez-se necessário a pesquisa bibliográfica sobre a história de ascensão das ADs, que, pontua o poder e territorialidade utilizados para que chegasse a sua posição atual, destacando sua doutrina pentecostal e de usos e costumes. O território opera como respaldo para compreender quais as relações de poder existem dentro da organização, que através do seu território rede, estabelece soberania em diversas localidades onde por vezes apresenta-se como única opção para o “meio” evangélico, estando ela, pois, inserida nas mais diversas localidades. Tendo isso em vista, houve o levantamento de dados sobre as ADs através do estudo de Campo no Distrito Catolé de Boa vista, Campina Grande-PB, que por meio do estudo de caso, revela como a Assembleia de Deus funciona territorialmente em pequenas localidades. A partir do contexto histórico e territorial das ADs, percebemos sua influência, fazendo-se necessário mais um apontamento sobre o poder da religião, que afeta os mais diversos âmbitos da vida de fieis ou não, fazendo-se necessário o frequente estudo sobre o poder exercido por tais organizações.

**Palavras-chaves:** Território; Territorialidade; Pentecostalismo; Doutrina; Poder; Evangelização.

## **ABSTRACT**

This work aims to discuss the territories and territorialities of the Assembly of God (AD), which is currently considered a Pentecostal religious denomination with the most faithful in Brazil. Thus, it was necessary to carry out a bibliographical research on the history of the rise of ADs, which points out the power and territoriality used to reach its current position, highlighting its Pentecostal doctrine and its uses and customs. The territory operates as a support to understand what power relations exist within the organization, which through its network territory, a sober council in several locations where it sometimes presents itself as the only option for the evangelical "middle", it is inserted in the most diverse locations. With this in mind, the survey of data on ADs through the field study in the Catolé District of Boa Vista, Campina Grande-PB, which, through the case study, reveals how the Assembly of God functions territorially in small localities. From the historical and territorial context of the ADs, we perceive their influence, making it necessary another note on the power of religion, which affects the various spheres of life of believers or not, making it necessary to frequently study the power exercised by such associations.

**Keywords:** Territory; Territoriality; Pentecostalism; Doctrine; Power; Evangelization.

## SUMÁRIO

|                                                                                                                               |    |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| <b>INTRODUÇÃO</b> .....                                                                                                       | 6  |
| <b>1 SOBRE A IGREJA ASSEMBLEIA DE DEUS: BREVE RELATO HISTÓRICO DE SUA TERRITORIALIDADE</b> .....                              | 7  |
| <b>1.1. Propagando o pentecostalismo, a relevância da obra missionaria para fundação das ADs</b> .....                        | 7  |
| 1.1.1 Sobre a origem do pentecostalismo .....                                                                                 | 10 |
| 1.1.2 Sobre a disseminação do pentecostalismo, breves reflexões sobre o contexto histórico e social dos seus seguidores ..... | 12 |
| <b>1.2 Obra missionária e evangelismo para difusão da fé: de Belém do Pará a Campina Grande Paraíba</b> .....                 | 15 |
| <b>1.3 O poder doutrinário das ADs</b> .....                                                                                  | 19 |
| <b>2 O PODER DAS IGREJAS ADs NO MUNICÍPIO DE CAMPINA GRANDE-PB</b> .....                                                      | 23 |
| <b>2.1 Território-rede, o poder territorial das ADs</b> .....                                                                 | 23 |
| <b>2.2 Organização territorial das Assembleias de Deus</b> .....                                                              | 31 |
| <b>2.3 Território das ADs em Campina Grande - PB</b> .....                                                                    | 36 |
| <b>2.4 Um breve estudo de caso sobre as ADs no Distrito Catolé de Boa Vista-PB</b> .....                                      | 40 |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....                                                                                             | 47 |
| <b>REFERÊNCIAS</b> .....                                                                                                      | 49 |

## INTRODUÇÃO

Para as pessoas no geral, e até mesmo dentro do âmbito acadêmico, o poder é frequentemente limitado ao Estado-nação, no entanto, este está longe de apresentar-se apenas de modo escancarado. Longe das limitações impostas por meio do empobrecimento do conceito, que ignora outras formas do exercício do poder, é compreendido diversas facetas que demonstra sua inserção nas mais variadas relações estabelecidas. Bourdieu assim como Raffestin expõe o poder nome comum, e o também poder simbólico, presente em organizações religiosas como a Assembleia de Deus, que atua e influencia sem que haja visibilidade do poder de suas ações. Ao longo da história da humanidade, diversos episódios sobre a territorialidade religiosa, “pede” que haja considerações dos seus efeitos na sociedade, que se distancia da democracia, sempre que o Estado (não raramente) associa-se a religião.

Assim, traçaremos a história da organização evangélica pentecostal de maior destaque no Brasil, tentando compreender sua popularidade entre os grupos marginalizados, pontuando como funciona sua administração e como isso associa-se a criação e implantação de territórios, território, como o do Distrito catolé de Boa vista Campina Grande-PB, que é enfatizado na pesquisa por meio do estudo de caso. Entretanto, nos esforçamos para não limitar as discussões apenas ao território das ADs, pois, acreditamos que a territorialidade por vezes negligenciada, nos traz informações para além de sua expressão física em territórios, que também, distante dos estereótipos conceituais, apresenta-se de forma descontínua, em rede. O território-rede será um dos elementos a ser trabalhado dentro do cenário do município de Campina Grande-PB, contando hoje com cerca de 125 templos da aludida.

Para realização desta pesquisa, destaca-se o empirismo, pois, será a partir da minha vivência no âmbito das ADs que possibilitou os questionamentos acerca da organização. Assim, fez-se necessário o levantamento bibliográfico de base conceitual e histórica, além do Estudo de Campo no Distrito Catolé de Boa Vista que também contou com a participação e entrevista de cunho qualitativo de alguns fieis das ADs. Para representação espacial do território das ADs, foi utilizado o QGIS para elaboração de mapas. O trabalho apresenta-se em dois capítulos, sendo o primeiro uma revisão histórica da organização, que narra a trajetória da AD e sua forte ligação para com a obra missionária, apontando o motivo de sua difusão no território brasileiro a partir da introdução do pentecostalismo no Brasil, já o segundo capítulo baseia-se na discussão do conceito de poder, território e territorialidade introduzidos na logica das Assembleias de



Deus, trazendo o estudo de caso do Distrito Catolé de Boa Vista para melhor compreensão da funcionalidade dos territórios da organização.

## **1 SOBRE A IGREJA ASSEMBLEIA DE DEUS: BREVE RELATO HISTÓRICO DE SUA TERRITORIALIDADE**

### **1.1. Propagando o pentecostalismo: a relevância da obra missionária para fundação das Assembleias de Deus**

O surgimento da denominação religiosa Assembleia Deus (AD) no Brasil, em 1911, advém da obra missionária realizada pelos missionários suecos Gunnar Vingren e Daniel Berg logo após a passagem de ambos pelos Estados Unidos, a qual foi responsável pelas suas experiências com o pentecostalismo, uma forma “diferente” de se conectar com o divino num período em que o avivamento espiritual estava em ápice no país. Segundo Nascimento, (2020, p. 41) “avivamento significa período de intenso fervor espiritual, marcado por grande número de conversões, cura e batismo no Espírito Santo”.<sup>1</sup> Além do pentecostalismo, existem outros fenômenos marcados pelo avivamento espiritual na história do cristianismo, como o montanismo e o metodismo. Segundo campos (2005, p. 105)

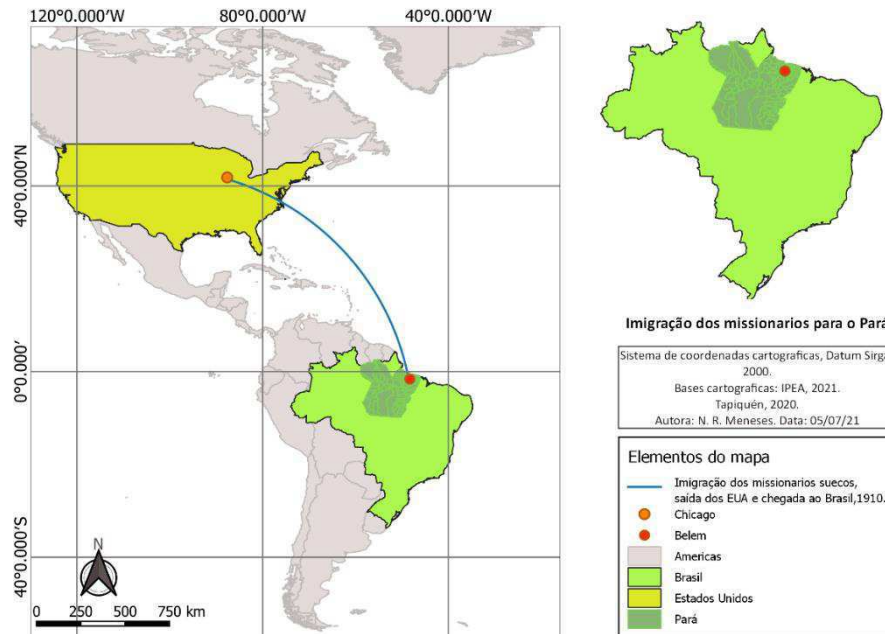
No início do século XX, o campo religioso norte-americano estava carregado de forças centrífugas, que num curto período de três anos centenas de fiéis se transformaram em missionários pentecostais, que influenciados por Los Angeles se espalharam primeiro para todos os EUA, depois, para Europa, Ásia, América Latina e África.

Nascimento (2020, p.41). compreende o difusionismo dentro desta expansão do pentecostalismo norte-americano em diversas outras culturas, traduzindo as ADs através do conceito de círculos culturais. “O difusionismo se preocupava em compreender o processo de transmissão dos elementos de uma cultura para outra e buscava descrever o desenvolvimento cultural por meio do processo da difusão de elementos culturais”. Essa difusão ocorreu por meio dos missionários, que através da imigração conseguiram criar novos círculos de difusão do pentecostalismo. Deste modo, para Nascimento podemos entender a cidade de Belém do Pará

---

<sup>1</sup> A conversão na concepção evangélica, diz respeito ao momento no qual uma determinada pessoa aceita o convite do pastor e passa a fazer parte de alguma denominação evangélica. Para a Assembleia de Deus e outras denominações pentecostais, após essa etapa, a pessoa é capaz de vivenciar curas e outros milagres, a glossolalia chega por meio do Espírito Santo, parte da trindade que forma o um só Deus para os cristãos, constituído de Deus pai, Deus filho e espírito santo.

(mapa 1) como o início de um novo círculo no qual o pentecostalismo foi difundido pelo



restante do Brasil.

Figura 1: Mapa da imigração dos Suecos para o Brasil

Fonte: Meneses. N. R

Para Rosendahl, “a difusão da fé torna-se particularmente importante para a geografia ao se refletir sobre a ação missionária de expansão de ideias e de condicionamentos simbólicos...” (2018, p. 24). No entanto, o que seria a missão? Para os pentecostais a evangelização é tida como um mandamento cristão, tendo influência nas religiões que seguem os mandamentos bíblicos. Segundo o livro de Marcos (MC 16, 15-16), Jesus ordena que seus seguidores espalhem sua doutrina: “ide por todo o mundo, pregai o evangelho a toda a criatura”. Assim sendo, fazer missão é o ato de evangelizar, porém, diferente do evangelismo, a missão tem um caráter transcultural, ou seja, baseia-se na falta da evangelização em localidades onde o cristianismo não é conhecido/disseminado, enquanto o evangelismo é efetuado até mesmo no espalhar evangelho para amigos ou parentes. Porém, essa dicotomia não deixa de ser complexa de identificar e analisar, sendo por vezes interpretada como sinônimos.<sup>2</sup>

<sup>2</sup> A obra missionária/evangelização ganha ênfase no pentecostalismo, que assume o termo missão e evangelismo como elemento inerente a sua doutrina, dando forte relevância a este mandamento. No entanto o ato de evangelizar está presente nas religiões cristãs, que não usa necessariamente os mesmos termos para designar esta ação, um exemplo disto é a palavra catequização bastante conhecida no período da colonização. Esta característica do cristianismo é um dos motivos que levou ao mesmo a ser a religião com maior número de seguidores no mundo.

A missão é enfatizada no primeiro nome recebido pelas ADs, onde começou inicialmente como “Missão da Fé Apostólica”. A denominação mudou para Assembleia de Deus mais adiante, no entanto esse nome é usado de forma ampla, existindo várias delas no Brasil e no mundo. “Nos Estados unidos, as AGs surgiram em 1914; no Brasil, esse nome se oficializa em 1918. ” (ALENCAR, 2013. 629) Porém, mesmo havendo esta similaridade as instituições não estão ligadas.

Será, então, por meio da imigração e obra missionária que os missionários suecos assegurarão a expansão da doutrina pentecostal, sendo esta a base de sua territorialidade. Sack (2013, p. 76) discorre sobre a territorialidade como “a tentativa, por indivíduo ou grupo, de afetar, influenciar ou controlar pessoas, fenômenos e relações, ao delimitar e assegurar seu controle sobre certa área geográfica”. Logo, a territorialidade, como criticam Haesbaert e Sack, é muito mais do que um conceito estreito que se refere apenas ao caráter abstrato do território. Ao contrário, será por meio da territorialidade que, independentemente da natureza quantitativa do agente criador, o território será criado, moldado, identificado e estruturado. É na territorialidade onde nasce o poder que se solidificará no território, e cada instituição estabelece seus meios, para determinado fim.

A territorialidade, no nosso ponto de vista, não é apenas "algo abstrato", num sentido que muitas vezes se reduz ao caráter de abstração analítica, epistemológica. Ela é também uma dimensão imaterial, no sentido ontológico de que, enquanto "imagem" ou símbolo de um território, existe e pode inserir-se eficazmente como uma estratégia político-cultural, mesmo que o território ao qual se refira não esteja concretamente manifestado - como no conhecido exemplo da "Terra Prometida" dos judeus, territorialidade que os acompanhou e impulsionou através dos tempos, ainda que não houvesse, concretamente, uma construção territorial correspondente. (HAESBAERT, 2007, p. 25)

Assim também se dá a criação e poder das ADs, que começam não com um templo, mas através da oralidade com caráter evangelizador, e, antes que seja conquistado qualquer território, os missionários suecos precisaram “ganhar almas”, ou seja, ganhar seguidores para doutrina pentecostal a qual proclamavam. “Assim, devemos primeiramente distinguir os territórios de acordo com aqueles que os constroem, sejam eles indivíduos, grupos sociais/culturais, o Estado, empresas, instituições como a Igreja etc.” (HAESBAERT, 2004). Neste caso falar do poder das ADs é mais que somar os inúmeros templos estabelecidos por todo o Brasil, mas antes, perceber qual trajeto percorreu para se estabelecer como a instituição religiosa pentecostal mais numerosa do país.

[...] a territorialidade forma o pano de fundo para relações espaciais humanas e concepções de espaço e indica que as relações espaciais humanas não são neutras. Pessoas não apenas interagem no espaço e se movem através do espaço como bolas

de bilhar: interação humana, movimento e contato são também casos de transmissão de energia e informação, para afetar, influenciar e controlar as ideias e ações de outros e o acesso deles a recursos. Relações espaciais humanas são os resultados de influência e poder. Territorialidade é a forma espacial primária que o poder assume. (SACK, 2013 p. 87, 88)

A territorialidade religiosa “apresenta propriedade mítica”, tendo sua estratégia e controle invisibilizados por meio da validação coletiva, que transfere para história da religião e dos seus líderes elementos de teor simbólico e espiritual, justificando suas ações pelo desejo de uma divindade. Logo, a trajetória das ADs demonstra como duas pessoas num momento específico e com o terreno fértil, podem alterar a configuração religiosa de um enorme país, mas a trajetória da denominação também é nutrida pela conhecida história entre os assembleianos do Espírito Santo entrando em contato com os Suecos os trazendo para o Brasil porque assim era os planos de Deus. Com essa propriedade espiritual inserida no discurso, os suecos Gunnar Vingren e Daniel Berg conseguiram modificar a percepção doutrinária<sup>3</sup> de inúmeros crentes.

Além de sua característica evangelizadora, as ADs também se destacam pela doutrina baseada no pentecostalismo. Durante a entrevista que fiz com alguns fieis assembleianos, constatei a frequência com que todos eles se referiam a “doutrina” da denominação como fator determinante para o sentimento de pertencimento para com a organização. No entanto, o que é o pentecostalismo? E não menos importante, qual é o porquê de sua ampla difusão no Brasil?

### ***1.1.1 Sobre a origem do pentecostalismo***

O termo pentecostes precede o século XX, tendo sua aparição no calendário das festividades judaicas. De acordo com o Novo Dicionário da Bíblia,

Em Levítico (Lv 23.16), a LXX diz pentekonta hemeras como tradução do hebraico hamishim yom, "cinquenta dias", referindo-se ao número de dias partindo da oferta do molho de cevada, até ao início da Páscoa. Ao quinquagésimo dia era a Festa de Pentecoste... Assinalava o término da colheita da cevada, que tinha início quando a foice era lançada pela primeira vez na plantação (Deuteronômio 16.9), e quando o molho era movido "no dia imediato ao sábado" (Lv 23.11.12a). É festa igualmente chamada de hag haqatsir, "Festa da Colheita" e de yom habikurirt, “dia das primícias” (Êxodo 23.16; Nm 28.25 . (DOUGLAS, J.D, 1977.)

Ou seja, dentro da cultura judaica havia algumas festividades, dentre elas a festa da primeira colheita, também conhecida como a festa de sete semanas e posteriormente

---

<sup>3</sup> Os primeiros fieis do que se tornaria a Assembleia de Deus, já pertenciam a uma denominação religiosa (igreja batista). A igreja Batista tinha doutrina que diferia do apresentado pelos missionários suecos, mas ainda assim convenceram os fiéis, que agora viam e sentiam o mundo por uma perspectiva diferente, sentindo-se então mais ligado a Deus. Muitos dos membros das ADs, até os dias de hoje advém de outras denominações religiosas.

pentecostes. Foi justamente no dia de pentecostes que, segundo o evangelho <sup>4</sup> de Lucas<sup>5</sup>, Jesus enviaria para os crentes reunidos na festa “o consolador”, já mencionado no evangelho de João,<sup>6</sup> sendo interpretado pelos seguidores de Cristo como o Espírito Santo. “Quando os discípulos reunidos ficaram cheios do Espírito Santo, no dia de Pentecoste, começaram a falar em outras línguas [...] segundo o Espírito lhes concedia que falassem a tal ponto que muitos judeus da dispersão ficaram perplexos em ouvirem-nos” (Atos, 2.4). Em Atos, que é a continuação do livro de Lucas, essa passagem bíblica justifica a doutrina pentecostal, que viria mudar o cenário religioso do Brasil do último século.

No entanto, o pentecostalismo moderno, próximo ao que nos deparamos hoje, emergiu no século XX, nos Estados Unidos, que na época passará por diversas crises e rupturas para com o estilo de vida conhecido até então.

Nessa grande efervescência do campo religioso também refletiam as agitações dos últimos 35 anos do século XIX, que ficaram marcados pelo trauma da Guerra Civil; libertação dos escravos negros; tensões raciais; crise prolongada do mundo da agricultura no sul do país; mobilidade populacional em direção às cidades do norte em processo de industrialização; chegada de milhões de imigrantes brancos, que vinham refazer na América laços rompidos pela pobreza e miséria na Europa de então. O processo de urbanização e industrialização fez crescer rapidamente a América Urbana.... No entanto, a explosão de movimentos voltados ao ideal de santificação oferecia às pessoas traumatizadas por uma guerra civil terrível, pela falta de um norte seguro, ou então deslocado pela mobilidade populacional, algumas ilhas de certezas. Assim...enquanto a demanda por vida espiritual crescia, a população buscava reconstruir a nação, e o caminho da religião seria um dos mais criativos para isso. (CAMPOS, 2005, P. 105)

O pentecostalismo emerge nos EUA mediante o cenário da época, com incontáveis marginalizados, a procura de uma identidade. Um nome específico teve grande destaque, o de William Seymour, um homem preto, filho de pessoas escravizadas e que mesmo dentro do campo religioso sofria com o racismo de um país que não há muito tempo havia libertado os até então escravizados. Foi Seymour que na rua Azusa Street (conhecido movimento para pentecostais) em Los Angeles no ano de 1906 abriu uma congregação destaque, servindo de inspiração para outras tantas denominações<sup>7</sup> pentecostais. Até então, o pentecostalismo e avivamento cristão se caracterizava como doutrina e não uma denominação específica. O

---

<sup>4</sup>Os evangelhos são narrativas acerca a da vida de Jesus.

<sup>5</sup> “Vós sois testemunhas destas coisas. Eis que envio sobre vós a promessa de meu Pai; permaneçei, pois, na cidade, até que do alto sejais revestidos de poder.” (Lucas 24.48-49)

<sup>6</sup> “E eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador, para que fique convosco para sempre”. (João 14:16)

<sup>7</sup> Denominação no cristianismo é uma organização religiosa que detém de um nome, estrutura e uma doutrina específica.

avivamento espalhado por Seymour é relatado até hoje por muitas igrejas de cunho pentecostal, dentre elas a própria AD, que compreende a influência de Seymour para os missionários suecos.

A história contada acerca dos “pais” da AD afirma que o Espírito Santo lhes orientou para que fizessem a obra missionária no Brasil, em específico no Pará. Gunnar Vingren e Daniel Berg, que chegam ao Brasil no ano de 1910, assim como muitos missionários que buscavam levar o pentecostalismo para outras localidades não estavam associados com nenhuma instituição que os mantinham ou com a qual estivessem ligados. Existia na época a necessidade não apenas de falar sobre Cristo, mas sobre o Espírito Santo e sua manifestação, por isso o caráter singular do pentecostalismo, já que seu público não necessariamente eram descrentes, mas sim já convertidos ao cristianismo. No entanto, Erstrom traz contribuições acerca do processo migratório massivo de suecos para a América do norte e sul:

Aproximadamente um milhão e duzentos mil suecos emigraram, na segunda metade do século XIX, para a América do Norte (...) e alguns desses suecos vieram para o Brasil, pois desde 1891 havia sido instalado um escritório do Brasil na Suécia, onde se realizaram as Brasiliennmöten (Reuniões sobre o Brasil) para fomentar a imigração. (2005, p. 31,32).

Vale ressaltar que a partir da década de 1980, sendo intensificado em meados de 1990, surge um novo fenômeno religioso sob o nome de novo pentecostalismo ou neopentecostalismo<sup>8</sup>. Porém, são movimentos distintos com algumas características similares, mas que detêm inúmeras diferenças. Uma das denominações mais conhecida do novo pentecostalismo é a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), e basta uma breve aproximação para compreender o abismo de diferenças doutrinárias de ambas instituições. Diferenças nos modos de comportamento social, nos trajes, nos hábitos cotidianos e no modo como de interpretar os textos bíblicos.

### ***1.1.2 Sobre a disseminação do pentecostalismo, breves reflexões sobre o contexto histórico e social dos seus seguidores***

A territorialidade não é neutra e existem diversos agentes responsáveis por sua criação e manutenção. Pelo contexto social, tais agentes compreendem fatores que auxiliam no processo de ascensão e permanência da dominação. Rosendahl salienta que a “territorialidade é definida

---

<sup>8</sup> “...A utilização da expressão “neopentecostal”, utilizada por inúmeros estudiosos do Pentecostalismo no Brasil, especificamente para se referir às igrejas ... nascidas a partir da década de 1970, e que teriam como características básicas – apesar da falta de homogeneidade – posturas menos sectárias e ascéticas, uma postura mais liberal e tendências a investir em atividades extra-igreja...” (MORAES, 2010, p. 2)

como uma estratégia de controle sempre vinculada ao contexto social na qual está inserida” (2018, p. 338). Grande parte dos seguidores do pentecostalismo eram marginalizados, ex-escravos, imigrantes, mulheres, pessoas de baixa renda, etc., sendo estes os mais afetados na crise que ocorria nos Estados Unidos. Segundo Campos (2005, p. 106), “o aumento do mal-estar de imigrantes e o sofrimento concreto dos pobres tornou quase necessário que o pentecostalismo viesse beber no poço da tradição reavivalista”. A simplicidade da doutrina pentecostal trouxe abertura para a expressão emocional dos fiéis; o crente pentecostal pôde sentir “Deus” intimamente sem a necessidades de mediadores através do batismo com Espírito Santo. Esse “fervor emocional” é apontado por Niebuhr como um elemento do que ele chama de “classes incultas”:

A religião das classes incultas e economicamente expropriadas, tem características éticas e psicológicas distintas, que correspondem às necessidades desses grupos. Um dos traços comuns é o fervor emocional, onde o poder do pensamento abstrato não chega a se desenvolver plenamente e não se inibiu a expressão emocional por meio de convencionalismos bem educados, a religião, obrigatoriamente expressa-se e se expressará em termos emocionais. Nestas circunstâncias a espontaneidade e o vigor dos sentimentos religiosos, mais do que a conformidade a credos abstratos, são vistos como provas da genuína religiosidade. Em consequência, também a formalidade do ritual é substituída em tais grupos pela informalidade que oferece oportunidade para a expressão emocional da fé e para um simbolismo simples e muitas vezes rude. O clero intelectualmente preparado e inclinado à liturgia é rejeitado em favor de líderes leigos que satisfazem mais adequadamente as necessidades emocionais desta religião. (1992, p. 27)

O fervor emocional das religiões majoritariamente compostas por marginalizados depende de uma liderança com a qual os fiéis se identifiquem. Logo, o estalo de líderes religiosos como Seymour, um negro, filho de ex-escravos, e, como os próprios suecos Gunnar Vingren e Daniel Berg, (também pobres imigrantes nos EUA), foi fundamental para popularização do pentecostalismo. “A história da transformação do mito em religião (ideologia) não se pode separar da história da constituição de um corpo de produtores especializados de discursos e de ritos religiosos...” (BOURDIEU, 1989, p. 12). O que se propunha pelos agentes que lideraram o movimento pentecostal não eram os conhecidos cultos frios, com forte aspecto teológico e complexas liturgias; não seria uma missa em latim, mas, sim, cultos com linguagem de fácil compreensão e liberdade para adoração dos até então destituídos de um espaço sagrado com o qual se identificassem.

Desde a chegada dos primeiros colonizadores portugueses, que trouxeram o catolicismo popular da Península Ibérica, a importação de africanos escravizados, com suas religiões compostas de um panteão de entidades espirituais que se manifestam no corpo dos fiéis, até a perspectiva dialógica que essas duas matrizes religiosas tiveram com o universo simbólico dos índios nativos, houve a criação e a recriação, a significação e a ressignificação dos elementos simbólicos, num processo

de hibridização que permitiu a implantação e o crescimento dos pentecostais, de forma tímida, mas constante, nas primeiras décadas do século XX até sua explosão, a partir da década de 1980 (COSTA, 2019, p. 268)

O pentecostalismo brasileiro, possui características próprias, não sendo meramente uma cópia do que ocorria nos EUA, porém, a doutrina pentecostal moderna é um elemento cultural estadunidense que irá ser assimilado pelo Brasil, que o configura a partir da influência de culturas locais até então sufocadas pelos colonizadores e protestantes europeus. Na época, assim como os Estados Unidos, o Brasil também contava com inúmeros imigrantes pobres e ex-escravizados, isto tudo num momento em que o cristianismo perseguia com mais veemência religiões de cunho afrodescendente. Xavier e Santos (2020, p. 5) enfatizam que, “quando a Igreja Assembleia de Deus se consolidou o Brasil tinha menos de 25 anos de abolição da escravatura, tendo ainda muitos ex-escravizados, e que continuavam marginalizados, em uma sociedade majoritariamente cristã”. Conseqüentemente, a igreja católica não parecia muito convidativa. “[...] A igreja Católica, além das missas em latim, era a igreja em que estavam seus antigos senhores e os principais teóricos da legitimação da escravatura”. (KELM, 2015, p. 140). Os suecos então trazem à tona o chamado “catolicismo por substituição”, conceito este usado por Campos (2005), para definir o processo de crescimento do pentecostalismo e estagnação do catolicismo no país, país esse que sofreu com o processo de embranquecimento e estava à procura de algo que o ligasse de alguma forma a sua cultura de origem. Assim sendo, de acordo com Kelm (2015, p. 140):

A comunidade assembleiana nesse momento vai sendo formada substancialmente por negros, mulatos, mamelucos, colhedores de látex no norte do país. Os próprios suecos imigrantes eram igualmente pobres e profundamente marginalizados. “A Assembleia de Deus ia pontilhando o Norte, carregada pelas camadas pobres da população brasileira. Com isso, o movimento passa a desenvolver desde seu início um caráter absurdamente multirracial e transnacionalizado, um tipo de resposta ao cenário religioso da época.” (ROLIM, 1985, p. 42).

O ciclo da borracha que começa em 1879 trouxe para o Pará e Amazônia forte evidencia. Diversos empreendedores e visionários enxergaram no norte do Brasil oportunidade para obterem lucros. Com isso adveio o forte processo migratório, que seduzia até mesmo pessoas fora do Brasil. Todavia, grande parte da mão-de-obra utilizada na retirada do látex eram de nordestinos. Nesta época, Belém e Manaus tiveram forte crescimento populacional e intenso desenvolvimento em sua infraestrutura, sendo uma das primeiras cidades a conterem energia elétrica no país. Com a biopirataria e conseqüente declínio do ciclo da borracha houve os esvaziamentos das cidades do Norte, quando inúmeros nordestinos voltaram para suas localidades. Apesar da história relatada pelos Assembleianos, em 1910 Belém do Pará estava



longe de ser apenas mais uma cidade brasileira, possuindo ínfima relevância, ajudando o pentecostalismo em sua disseminação através do processo migratório e da contingência de diversos pobres a procura de oportunidades, sendo estes os mais seduzidos pelo pentecostalismo. Acerca dos processos de ascensão do pentecostalismo, Costa menciona que a primeira onda para o desenvolvimento das ADs ocorreu justamente por meio do ciclo da borracha.

No início do século XX, o país vivia ainda o processo de consolidação de seu sistema republicano, com uma população majoritariamente rural, mestiça e pobre. A primeira fase de crescimento foi favorecida pelos fluxos e refluxos migratórios produzidos pela economia da Borracha (COSTA, 2019, p. 268).

Sendo Belém do Pará uma cidade que concentrava inúmeros pobres subalternos, afastados de suas famílias e de seus direitos, a procura de oportunidades, foi o município perfeito para que o pentecostalismo servisse como alívio para os inúmeros párias do Brasil. Ao adentrarem no pentecostalismo, mais que do que brasileiros, eles eram crentes e agora pertenciam a uma nova família, um novo mundo. Habitava neles o Espírito Santo, que os fornecia forças para continuar. Enfim, uma religião que não negaria ao indígena, ao mestiço, aos ex-escravos e ao pobre a liberdade que não conseguiram como brasileiros.

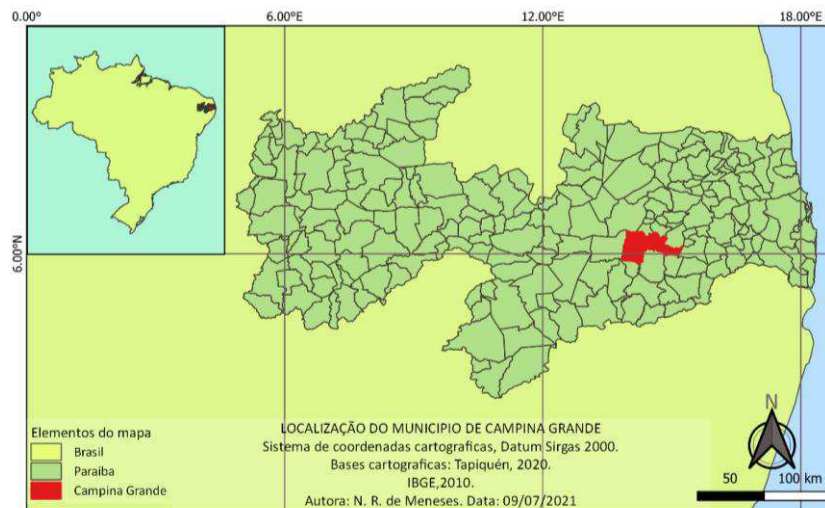
## **1.2 Obra missionária e evangelismo para difusão da fé: de Belém do Pará a Campina Grande Paraíba**

Logo após aportarem em Belém do Pará, Gunnar Vingren e Daniel Berg encontraram asilo numa igreja batista, onde puderam ter melhor estrutura e até mesmo oportunidades para pregar dentro da instituição. Porém, estes, que os batistas acreditavam até então serem os seus iguais, começaram a demonstrar diferença no comportamento e doutrina, o que acarretou diversas discussões. Todavia, por mais que houvesse a rejeição de muitos dentro da igreja, a doutrina pentecostal trazida pelos suecos também seduziu a muitos. Como consequência, ocorreram reuniões que levaram alguns fieis a exclusão. Isso ocorreu logo após o batismo com Espírito Santo de uma membra da igreja.

Assim, em 18 de junho de 1910 nasce a Missão da Fé Apostólica, posteriormente Assembleia de Deus, com os cultos sendo realizados dentro da casa de Celina Albuquerque, com cerca de 18 fieis. Daniel Berg e Gunnar Vingren, fundadores da Assembleia de Deus, em 1911, atingem ex-escravos e seus descendentes, nordestinos e seringueiros desempregados, que retornam a seus municípios de origem levando a mensagem que, em menos de 20 anos, alcança todo o país (Alencar, 2000; Fausto, 1999).

Na Paraíba, o processo da chegada do pentecostalismo não foi igual em todas as regiões do Estado, chegando em meados de 1918 em Alagoa Grande e em 1920 na cidade de João Pessoa. Até hoje existem diferenças de campo e liderança mediante o processo de evangelização.<sup>9</sup> A vinda da Assembleia de Deus para Campina Grande-PB, no entanto, ocorre com um dos participantes do movimento que se iniciou em Belém do Pará. Contudo, fontes que narrem o ocorrido são escassas. O *site* oficial da Assembleia de Deus em Campina Grande-PB (ADCG) apresenta como precursor o paraibano Manoel Francisco Dubu, o primeiro homem do Brasil a ser batizado com o Espírito Santo e que, ao retornar a Campina Grande, em 17 de dezembro de 1914, trouxe aos seus conterrâneos a doutrina bíblica da atualidade do batismo no Espírito Santo e dos dons espirituais<sup>10</sup>.

Figura 2: Mapa da localização do município de Campina Grande-PB



MENESES, N. R.

Assim, o desenvolvimento das ADs em Campina Grande-PB surge através de inúmeras pessoas voltando do Pará para seus Estados de origem, impulsionadas pela falta de oportunidades e obra missionária, seguiam e davam novas características ao processo migratório da época. Consequentemente, as ADS por via oral e através das evangelizações vão expandindo-se consideravelmente em curtos períodos de tempo. Alencar (2005) nos situa sobre

<sup>9</sup> O território de maior escala das ADs são as convenções, onde estalam-se as lideranças, que possuem diversas escalas e graus de influência. Na Paraíba existem 2 convenções diferentes. Já o campo é o segundo maior território em influência das ADs, sendo composto por uma igreja sede e diversas congregações.

<sup>10</sup> A doutrina dos dons espirituais defendidos pela Assembleia de Deus se baseiam nos escritos de Paulo na carta aos coríntios. São eles; Palavra de sabedoria; Palavra de conhecimento; Fé; Dom de cura; Operação de maravilhas; Profecia; Discernimento de espíritos; Variedade de línguas; Interpretação de línguas. Esses dons seriam “habilidades” fornecidas por Deus para os crentes.

o momento histórico, no qual a Assembleia de Deus vai “acompanhando o processo migratório no Norte-Nordeste, causados pela crise da borracha”.

É por volta de 1927 que é construído, na Rua João Pessoa, o primeiro templo da Assembleia de Deus de Campina Grande-PB, e é apenas em 1950 que a igreja sede atual é construída, na Rua Antenor Navarro, número 693, no bairro da Prata. Sobre os motivos do grande número de congregações ADs em Campina Grande-PB, surge a participação do pastor Francisco Pacheco de Brito, que no ano de 1986 tornou-se presidente da Convenção de Ministros da Igreja Evangélica Assembleia de Deus em Campina Grande e no Estado da Paraíba COMEAD-CGPB. Ele foi um dos responsáveis pela expansão do Evangelho em toda cidade, fixando a abertura de congregações em cada bairro do município e alcançando as demais cidades do Estado.

A relevância do pastor Pacheco de Brito para fundação das ADs em Campina Grande evidencia-se nas transformações espaciais ocorridas no município, que tem um viaduto nomeado com seu nome. O site oficial de Campina Grande PB noticia que o até então prefeito, Romero Rodrigues, “garantiu ser o pastor Pacheco Brito um dos grandes referenciais da comunidade evangélica campinense e explicou a importância da homenagem no viaduto: no local passam, diariamente, entre 8 a 16 mil veículos, em trecho que une Campina Grande a Queimadas”, fazendo clara menção à estratégia de indução do imaginário da população por meio do espaço símbolo. Nesse sentido,

As formas simbólicas espaciais constituem importantes elementos no processo de criação e manutenção da identidade, seja étnica, racial, social, religiosa ou nacional, seja ainda a identidade de um lugar. Constituem elas geo-símbolos, marcas identitárias que individualizam uma certa porção do espaço ou um grupo humano... nomear um dado local constitui uma forma de apropriação do espaço, impregnando-o de significado associado ao nome, e de poder. (CORREA, 2007, P. 11)

Outras figuras de destaque no evento de inauguração do viaduto, foram: o atual prefeito de Campina Grande Bruno Cunha Lima, naquele momento sob cargo de Deputado Estadual; o pastor presidente Daniel Nunes da COMEAD-CGPB e Alexandre do Sindicato. Os geo-símbolos marcam no espaço a intenção dos agentes de perpetuarem sua dominação no imaginário na população, cuja identidade religiosa vai tomando força por meio das territorialidades exercidas. “Neste caso, identidade nacional e identidade religiosa são identificadas como correlatas. ” (CORREA, 2007, p. 12). Desta forma se estabelece na identidade dos campinenses uma forte ligação com a igrejas. Isso se expõe nas escolas com símbolos religiosos, no Memorial da Bíblia, no evento da Consciência Cristã, dentre outras homenagens fornecidas por meio do Município.

A estreita ligação entre o Estado e a Igreja determina, com frequência, uma religião de Estado e uma Igreja de Estado; foi o que Constantino desenvolveu no Império Romano. É evidente que essa ligação pode desembocar numa forma de Estado teocrático, o que evidentemente significa um poder considerável, uma vez que ocorre aí uma concentração do sagrado e do profano. (RAFFESTIN, p. 124)

Raffestin, além de enfatizar o fenômeno de constante interação do Estado com organizações religiosas afim de maior concentração de poder, explica que nem todos os Estados tidos como laicos conseguem uma “separação perfeita” entre religião e política, assim como no Brasil, que se sujeita constantemente às influências do cristianismo religioso. Essa naturalização da união entre os dois âmbitos, torna legítimas falas como “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”, conhecida frase das eleições de 2018. E justifica a falta de progresso do direito de muitos, por meio dos ideais religiosos de um dado grupo dominante.

Figura 3: Viaduto Pastor Pacheco de Brito, Campina Grande, PB.



Fonte: Site da prefeitura do Município de Campina Grande

Para Rosendahl (2005), a Territorialidade religiosa significa o conjunto de práticas que são desenvolvidas pelas instituições/grupos com a intenção de controlar dado território, “onde o efeito do poder do sagrado reflete uma identidade de fé”. Desta maneira, ela visaria, assim como qualquer outra organização, segundo Raffestin, (2015,p.164) “se expandir, reunir, controlar e gerenciar” O padrão de como se dá a criação de novos templos da denominação mostra que o proselitismo começa por meio da evangelização, introdução de um ponto de culto na casa do novo convertido, expansão da doutrina, ganho da comunidade e, por fim, estabelecem o templo. Esse padrão está presente nas mais variadas escalas da história das ADs

A Assembleia de Deus no município de Campina Grande possui cerca de 40 mil membros, distribuídos em 102 congregações estabelecidas apenas dentro do perímetro urbano de Campina Grande, além de 109 filiais espalhadas pela Paraíba. “A igreja também mantém missionários em nove países: Argentina, Bolívia, Equador, Índia, Jordânia, Paraguai, Peru, Portugal e Uruguai.” (ADCGCAMPINAGRANDE).

### 1.3 O poder doutrinário das ADs

Resgatando a obra de Raffestin, “Por uma geografia do poder”, a qual muito nos diz sobre o conceito, podemos visualizar que “o poder é uma parte intrínseca de toda relação”. Logo, o poder estando inserido nas mais diversas dependências, torna-se também “comum”. O autor enfatiza a existência de dois tipos de poder: o poder de letra maiúscula e o nome comum.

O "Poder", longe de ser negligenciável, se torna mais familiar, mais marcante e também mais habitual quando aparece envolto em sua dignidade de nome próprio. Isso continuará assim enquanto a confusão entre Estado e Poder for facilitada. Pretender que o Poder é o Estado significa mascarar o poder com uma minúscula. Este último "nasceu muito cedo, junto com a história que contribuiu para fazer". O poder, nome comum, se esconde atrás do Poder, nome próprio. Esconde-se tanto melhor quanto maior for a sua presença em todos os lugares... A ambiguidade se encontra aí, portanto, uma vez que há o "Poder" e o "poder". Mas o primeiro é mais fácil de cercar porque se manifesta por intermédio dos aparelhos complexos que encerram o território. (RAFFESTIN, 1993, p. 52)

O seja, para além do poder do Estado-nação, cujo posto é visível, nos deparamos frequentemente com inúmeros tipos de poderes não necessariamente fáceis de detectar. Isso porque, sua forma de controle baseia-se grande parte das vezes por meio da legitimação e domínio do imaginário popular, passando despercebido enquanto colhe os frutos da sua soberania. Assim, percebemos que o Estado pode influenciar a infraestrutura de uma cidade, mas é “fácil” ignorar seu poder no imaginário da população enquanto cria espaços simbólicos a favor dos próprios interesses.

Durante as entrevistas realizadas com fieis das ADs, percebi que por unanimidade todos se referiam a doutrina da denominação como fator predominante para estarem ligados a mesma. A doutrina, diz respeito a um conjunto de ideias sistematizadas, quer sejam religiosas ou não, e tem em sua origem ligação ao ensino já que vem do latim *doctrina*, que se refere ao ensino, formação teórica. Na concepção assembleiana, a qual obteve boa difusão no meio evangélico, a doutrina se dá de inúmeras interpretações da bíblia, que são ensinadas, ampliadas e legitimadas. As ADs possuem em sua estrutura de cultos dois eventos semanais que focam a

doutrinação, a escola bíblica dominical, já citada, e o culto nomeado como “doutrina”. Por mais que a as ADs tenham surgido a partir de grupos marginalizados, não significa que posteriormente sua própria liturgia e aprofundamento teológico<sup>11</sup> não tenham ocorrido. Para obter o cargo de pastor hoje na Assembleia de Deus, por exemplo, é preciso possuir certificado de teologia.

Ou seja, as ADs possuem seus dogmas, e por meio da doutrina compreende o conjunto de ideias e instruções de como viver esses preceitos. A base doutrinária das assembleias se baseia no pentecostalismo e no chamado “usos e costumes”. A doutrina pentecostal assembleiana surge com o “ensinamento do batismo com o Espírito Santo [...]”. Nesse sentido, buscará fundamentar esse novo ensinamento com base bíblica, no sentido de legitimar tal ensino” (NASCIMENTO, 2020, p. 45). Essa legitimação ocorre porque o poder não é algo inerente ao indivíduo, não existe autoproclamação no poder sem que haja a legitimação, quer seja no Poder dado ao pastor, quer seja ao poder dado aos missionários para afirmarem o batismo com Espírito Santo como maior ligação com o divino. Ambos têm em comum sua legitimação por meio das noções bíblicas e de grupos de fiéis, criando dogmas e doutrinas para que seja estabelecido o poder por “comum acordo”. Segundo Hanna Arendt:

O poder corresponde à habilidade humana de não apenas agir, mas de agir em uníssono, em comum acordo. O poder jamais é propriedade de um indivíduo [...] quando dizemos que alguém está no poder estamos na realidade nos referindo ao fato de encontrar-se esta pessoa investida de poder [...]” (ARENDR, 1985, p. 24).

Assim, o poder da doutrina das ADs é simbólico, impellido por uma interpretação bíblica, gerando no fiel credibilidade, pois para muitos a doutrina das ADs é “mais séria”, isso porque é mais “rígida”, o que “demonstra” uma maior ligação com o divino, o que, em partes, explica sua ligação com movimentos conservadores, que tendem a excluir e perseguir aqueles que fogem de sua “cultura de santificação”.

Da mesma forma que algumas culturas definem o estrangeiro como não humano, para as ADs, à exceção delas mesmas, todas as demais eram não salvas, não crentes. Por quê? Até agora, segundo sua visão, somente elas têm o Espírito Santo; os dons se manifestavam nelas exclusivamente e apenas assembleianos falavam línguas dos anjos. (ALENCAR, 2012, p. 173).

---

<sup>11</sup> A teologia em tese, estuda existência de Deus. Porém, grande parte dos cursos teológicos tem como real objeto de estudo a bíblia, já que dela (para os crentes) advém as informações necessárias para compreenderem o seu Deus. Cada curso teológico segue vertente interpretativa específica da bíblia, advindo daí o respaldo para “vender” a “verdade” de sua crença, já que por meio da “livre” compreensão, o líder/religioso consegue respaldo para as afirmações da organização ao qual está inserido.

Um episódio interessante relatado, narra a história de um determinado diácono<sup>12</sup> amigo de uma família assembleiana e frequentemente posto em pauta nas reuniões familiares. Ele não havia sido batizado com o Espírito Santo, mesmo sendo um antigo membro da denominação, e sobre ele circula as seguintes indagações; “será que ele está em pecado? Será que ele não tem fé o suficiente? ”. Isso marcou e aquele diácono, pois lhe foi negado quaisquer evoluções em cargos na igreja por sua falta de batismo.

O poder simbólico como poder de constituir o, dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e, deste modo, a ação sobre o mundo, portanto o mundo; poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica), graças ao efeito específico de mobilização, só se exerce se for reconhecido, quer dizer, ignorado como arbitrário (BOURDIEU, 1989, p. 14).

Bourdieu, então, destaca a força do poder simbólico, se juntando a ideia de Raffestin quando enfatiza a sutileza do poder nome comum, que são os poderes invisíveis que devemos nos atentar, pois nas mãos destes estão o controle que não percebemos. Existe um caráter na doutrina de determinada denominação que dita como se deve agir no espaço sagrado, parecido com as regras criadas no espaço profano, e este espaço está carregado de relações específicas do seu próprio grupo, e por vezes é necessário compreender que na prática existe mais que a dicotomia entre esses espaços, mas também a convergência. Convergência essa que traz uma série de consequências negativas para sociedade como um todo, que passa a ser dominado culturalmente, juridicamente e politicamente por dogmas religiosos e consequentemente excludentes. Segundo Raffestin:

Essa convergência do sagrado e do profano constitui um temível instrumento de poder e um meio de rara eficácia para mobilizar uma população. Os fatos nos mostram que essa estreita ligação entre a igreja e estado desemboca finalmente numa predominância do Estado, que manipula a religião para assentar seu poder. (1993.p.124)

Ao observarmos a fundação das ADs, sabemos que grande parte dos seus membros eram marginalizados. Diferentemente do neopentecostalismo, que se baseia na teologia da prosperidade, os pentecostais, destacando as ADs, procuram se diferenciar do mundo profano, a partir de uma maior abdicação dos estímulos deste. Assim, partimos para segunda base doutrinária das ADs, *os usos e costumes*, que vai liga-la diretamente ao movimento conservadorista, sendo ela destacada como uma denominação rígida no cenário religioso

---

<sup>12</sup> Para as ADs, diácono faz parte dos obreiros, homens que decidem voluntariar-se para trabalhar em prol da organização. Existem os auxiliares, diáconos, presbíteros, missionários, evangelistas e pastores, sendo os auxiliares o grau de menor relevância hierárquica, e pastor a de maior importância,

brasileiro, e em contrapartida, a denominação evangélica com maior número seguidores no Brasil. A maior parte das limitações da doutrina de usos e costumes estão associadas às mulheres e a sexualidade. O que começou, segundo Kelm (2015), com presença massiva de liderança negra e feminina na denominação, se tornou, a partir da década de 50, uma instituição com ênfase no patriarcado.

[...] com a proibição do ministério feminino e com o domínio da liderança conservadora [...] as ADs vinham em seu projeto de retraimento. É refratária à educação teológica, é contra o ministério feminino, proíbe participação política de seus membros, é contra a prática de esportes e o consumo de todo e qualquer tipo de diversão; também é contra o Rádio e TV. Seu marcante legalismo em seus usos e costumes (quase exclusivamente feminino), visto como pureza de doutrinária é pregado como fiança de legalização da atuação do Espírito Santo. Somos pentecostais, porque não usamos isso e aquilo, não bebemos, não fumamos, não dançamos etc. e isso, caricaturalmente, era (e ainda é para alguns grupos) distintivo de identidade de santificação. É a marca. É a fiança. (ALENCAR, 2012, p. 175)

Parafreseando Foucault (1986, p. 146): “Ora, não é o consenso que faz surgir o corpo social, mas a materialidade do poder se exercendo sobre o próprio corpo dos indivíduos.” Seguindo esta linha de pensamento, sabemos que diante dos estudos deste filósofo é citado sobre os dispositivos de poder criados pelo Estado, não sendo, no entanto, a religião uma criação, mas, segundo Raffestin, um instrumento não raramente utilizado pelo mesmo. Por isso, Morais escreve um artigo acerca da “Religião como dispositivo de biopoder”. O biopoder, um conceito criado pelo Foucault, enfatiza o poder sobre a vida. Morais faz então uma relação entre a disciplina e o biopoder sob a perspectiva religiosa. Assim, “a sociedade disciplinar é marcada pelo controle dos corpos individuais, em que sujeita os indivíduos por meio da vigilância e das normas. É um tipo de poder que não é explícito como o poder soberano[...] Este poder é dissociado do corpo, mas é interiorizado, pois sua ação é invisível” (2017, p.46). A doutrina de uso e costumes, adota então um posicionamento fortemente disciplinar, dominando os corpos dos fiéis, principalmente das mulheres, onde a forma de se vestir, sexualidade dentre outras regras são aplicadas aos crentes, e que fazem parte da identidade da denominação. Segundo Silva (2003, p. 22), alguns dos elementos da doutrina de usos e costumes são:

Não usar joias, batom, calça comprida e cortar o cabelo para as mulheres; não bater palmas durante o culto, não ir ao cinema, não ir à praia e piscina de biquíni e, ou sunga, não ouvir música não-evangélica, não cantar música gospel de ritmos como samba, rock, balada, na igreja ou fora dela, etc, não cantar estas músicas por considerá-las não sacras; não ir ao estádio e não jogar futebol.

Por mais que essas regras possam ser mais intensas ou mais flexíveis, a depender do pastor que esteja atuando na igreja, ela se estabelece até hoje como base doutrinária das ADs,



sendo mais complexa e possuindo mais elementos, em que questões de gênero e sexualidade acabam sendo mais atacadas pela doutrina. Caso as regras do uso e costume sejam descumpridas, existe o caráter punitivo, que por vezes consiste em um determinado período disciplinar, onde os “irmãos” (termo utilizado entre os membros da instituição) têm que se abster da santa ceia<sup>13</sup>, para que peçam perdão para a igreja, e só assim voltem a cear. Com o passar do tempo, tal ‘caráter punitivo’ foi perdendo força, mas até hoje o pastor continua a disciplinar os fiéis que descumprem as regras, e assim, eles deixam de estar em comunhão com Deus e com os seus irmãos por um determinado período.

## **2 O PODER DAS IGREJAS ADs NO MUNICÍPIO DE CAMPINA GRANDE-PB**

### **2.1 Território-rede, o poder territorial das ADs**

O poder, como já enfatizado, apresenta-se em rede, estando nas mais variadas relações. Existe o Poder explícito e o poder invisível<sup>14</sup>, a este que não se pode perceber tão facilmente, é destacado o potencial de sua influência.

A ambiguidade se encontra aí, portanto, uma vez que há o "Poder" e o "poder". Mas o primeiro é mais fácil de cercar porque se manifesta por intermédio dos aparelhos complexos que encerram o território, controlam a população e dominam os recursos. É o poder visível, maciço, identificável. Como consequência é o perigoso e inquietante, inspira a desconfiança pela própria ameaça que representa. Porém o mais perigoso é aquele que não se vê, ou que não se vê mais porque se acreditou tê-lo derrotado, condenando-o à prisão domiciliar. (RAFFESTIN, 1993, p. 52)

Por consequência, conhecemos na história da humanidade diversas atrocidades cometidas por entidades religiosas, não sendo relevante o tipo de religião<sup>15</sup>, mas sim, o modo como o poder é implantado, o que torna similar as organizações. Casos como a morte de inúmeras mulheres sob acusação de bruxaria, apoio a escravidão, terrorismo, a santa inquisição, que matou milhares de pessoas, são exemplos nítidos das consequências nocivas de um poder subestimado. Podemos facilmente culpar a época, acreditando que já superamos tal poder, mas

<sup>13</sup> Santa ceia para os evangélicos das ADs, diz respeito a um culto mensal em prol a passagem bíblica do sacrifício de Cristo por meio do pão que simboliza a carne, e do suco de uva que simboliza o sangue de Cristo. Para os assembleianos o fiel passa a ser membro apenas após a inserção ao ritual da santa ceia, que só ocorre após o batismo nas águas. Na denominação o batismo ocorre a partir do momento que o fiel consiga decidir por conta própria o desejo de aliar-se a comunidade.

<sup>14</sup> Apesar da ambiguidade entre o Poder letra maiúscula e o poder nome comum, enfatizado por Raffestin, ambos não são opostos, agindo por vezes através da convergência. Logo, o Estado possui Poder visível, mas não significa que ele não atue por meio do poder nome comum, usando artifícios como a religião e para manter sua soberania. Assim também, o Poder visível pode se calar perante o poder comum, a depender da sua influência, que não deve ser menosprezada. É isso que ocorre com a religião e o Estado, que unem os poderes para garantir seu controle perante a sociedade.

<sup>15</sup> A religião surge segundo Marchi (2005, p.47), “como o conjunto das atitudes e atos pelos quais o homem se prende e se liga ao divino ou manifesta sua dependência em relação a seres invisíveis tidos como sobrenaturais”.

quando chegamos a essa conclusão, talvez só não possamos enxergá-lo pelo seu alto grau de manipulação. A intenção não é afirmar que instituições religiosas são malignas, mas focalizar no poder que elas detêm, para que se possa perceber os interesses dos agentes que estão por trás de sua territorialidade.

Logo, as ADs dispõem de um poder muito mais complexo do que imaginamos, e isso cabe para outras inúmeras instituições religiosas, que por meio da doutrina, podem determinar um pensamento único entre seus seguidores que tendem a perder a autonomia por meio da legitimação dada pelos próprios fiéis em nome de suas crenças. Portanto, o poder vai tomando diversas formas, apresentando-se também, como algo natural, que é inerente ao cotidiano, fazendo com que qualquer oposição soe como traição. Neste ponto, Bourdieu declara que o poder simbólico é criado por agentes que manipulam adotando um nível tão intenso de legitimidade que os dominados tendem a não se oporem, mas pelo contrário, trabalham para manter o sistema de dominação.

Para Sack (2013, p. 63) a “Territorialidade é uma expressão geográfica primária de poder social”. Isso porque cabe a ela a defesa e até mesmo a criação de dado território, por meio dela quem está no poder é capaz de manter e ampliar seus domínios. Um exemplo de como a territorialidade pode afetar e controlar as pessoas de dada localidade são as regras de trânsito, que faz com que mesmo sem circulações de veículos ou qualquer perigo eminente, um motorista pare no sinal vermelho. Logo, para além da estratégia, a territorialidade molda comportamentos, sendo também utilizada para excluir e incluir pessoas, que é o que ocorre com as ADs, onde um membro só é considerado apto para tornar-se “obreiro”<sup>16</sup> caso já tenha sido batizado com espírito santo e entre outros pré-requisitos, ser homem, já que mulheres nas ADs, não podem atingir a maior parte dos cargos de liderança.

Compreender que houve estratégias que as ADs adotaram, e adotam, para expandir-se, é também levar em consideração a existência do seu poder, território e consequência de tal dominação, pois em síntese, “a territorialidade, como um componente de poder, não é apenas um meio para criar e manter a ordem, mas é uma estratégia para criar e manter grande parte do contexto geográfico através do qual nós experimentamos o mundo e o dotamos de significado” (HAESBAERT, 2006, p.93). Isso decorre por meio do sentimento de identidade, sobre a qual a lógica imposta é abraçada com naturalidade. Assim, nas ADs, homens e mulheres recebem

---

<sup>16</sup> Obreiro se refere aos cargos voluntários dentro da igreja. Galgando o trabalho voluntario diversos evangélicos chegam ao cargo de pastor. +

papeis diferentes, que são defendidos pelos fiéis que assimilam a doutrina da organização como uma “verdade absoluta” que deve ser seguida e não como uma forma de controle.

Um grave exemplo disto, é o posicionamento político das ADs no ano de 2018, quando escancaradamente, assumiram um papel contra a esquerda, possuindo líderes religiosos com ideias similares as notícias falsas compartilhadas no período eleitoral e a nítida simpatia ao então candidato a presidente Jair Bolsonaro. Com essas informações é fácil concluir as intenções das ADs, que por meio da Casa Publicadora das Assembleias de Deus (CPAD)<sup>17</sup>, lançou no segundo semestre de 2018 a lição bíblica dominical “Valores cristãos: Enfrentando as questões morais de nosso tempo”. A escola bíblica dominical é realizada tradicionalmente todo domingo pela manhã nas igrejas e congregações<sup>18</sup> ADs, tendo adaptações a depender do contexto em que a congregação está inserida, e por 3 meses consecutivos é estudada uma lição com tema determinado pela editora CPAD (que costuma ter como autores, pastores ou membros das ADs).

A lição em evidência, forneceu diversas informações manipuladas e de alto teor preconceituoso, contendo sufixo “ismo” para referir-se à homossexualidade, sendo que em 1990 o termo foi abolido por estar ligado a um período em que ser homossexual era considerado uma doença mental. Além de afirmações homofóbicas, a lição contém ideologias machistas, transfóbicas e misóginas, alimentando claramente a ideia de que “a igreja” estaria sendo perseguida, mesma lógica das notícias falsas vinculadas aos grupos políticos de esquerda. E, veja bem, não se trata apenas de uma doutrina religiosa “ultrapassada”, mas sim, do poder e intenção do agente, que procura afirmar-se na religião obtendo dela respaldo para legitimar seus próprios ideais. Não raramente, o poder religioso se atrela ao político por seu papel de influenciador, e, com ambos os poderes unidos, enxergamos continuamente desastres atrelados a perseguições ao que eles afirmam ser “pecado”, pensamento este induzido pela ditadura do existir, que ignora a liberdade de diferenças religiosas e de ser no mundo, o que traz para nossa sociedade plural, uma dura imposição ideológica. Abaixo podemos ver a capa e o sumário da lição bíblica, que contém 13 “lições”, dentre as que mais evidenciam a perspectiva ideológica

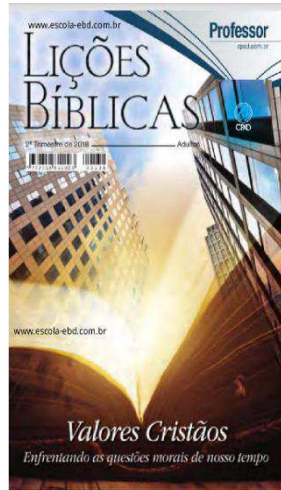
---

17 A editora CPAD teve início no ano de 1940 sendo ela a resposta para o governo de Getúlio Vargas que impôs em decreto que todos os jornais deviam ser registrados. Desta forma, as ADs que buscavam propagar-se mais rapidamente fundaram a editora, que hoje conta como presidente administrativo José Wellington Costa Junior, o também presidente da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB).

18 As igrejas são os templos que possuem CNPJ, e detém hierarquia de maior relevância. Tal relevância advém da centralidade do poder, que se apresenta por meio da liderança, já que o pastor rege as igrejas enquanto as congregações são regidas por obreiros no geral. As igrejas também administram as congregações, que se sujeitam a ela.

da denominação estão: O que é Ética Cristã, Ética Cristã e Ideologia de Gênero, Ética Cristã e aborto, Ética Cristã e sexualidade e Ética Cristã e Política.

Figura 4: Capa da revista



Fonte: Site estudantes da bíblia

Figura 5: Sumário da revista

| Sumário                                                            |    |
|--------------------------------------------------------------------|----|
| Valores Cristãos:<br>Enfrentando as questões morais de nosso tempo |    |
| Lição 1:<br>O que é Ética Cristã                                   | 3  |
| Lição 2:<br>Ética Cristã e Ideologia de Gênero                     | 10 |
| Lição 3:<br>Ética Cristã e Direitos Humanos                        | 17 |
| Lição 4:<br>Ética Cristã e Aborto                                  | 24 |
| Lição 5:<br>Ética Cristã, Pena de Morte e Eutanásia                | 31 |
| Lição 6:<br>Ética Cristã e Suicídio                                | 38 |
| Lição 7:<br>Ética Cristã e Doação de Órgãos                        | 45 |
| Lição 8:<br>Ética Cristã e Sexualidade                             | 52 |
| Lição 9:<br>Ética Cristã e Planejamento Familiar                   | 60 |
| Lição 10:<br>Ética Cristã e Vida Financeira                        | 67 |
| Lição 11:<br>Ética Cristã, Vícios e Jogos                          | 74 |
| Lição 12:<br>Ética Cristã e Política                               | 81 |
| Lição 13:<br>Ética Cristã e Redes Sociais                          | 89 |

2018 - Abril/Maio/Junho Lições Bíblicas / Professor 1

<sup>19</sup>Fonte: Site estudantes da bíblia

Um trecho que revela parte da natureza da obra, diz o seguinte:

A Ideologia de Gênero pretende relativizar a verdade bíblica e impor ao cidadão o que deve ser considerado ideal. Acuada parcela da sociedade não esboça reação e o mal vem sendo propagado. No entanto, a igreja não pode fechar os olhos para a inversão dos valores. Os cristãos precisam reagir e “batalhar pela fé que uma vez foi dada aos santos” (Jd v.3) .... Os defensores deste conceito promovem a inversão dos valores e afrontam os princípios cristãos (BAPTISTA, 2018).

Em outro momento a obra prossegue:

[...] Essa posição não aceita o sexo biológico (macho e fêmea) como fator determinante para a definição dos papéis sociais do homem e da mulher. [...] Outra consequência lógica dessa ideologia é que a determinação do sexo de uma pessoa agora é definida pelo fator psicológico, bastando ao homem, ou à mulher, aceitarem-se noutro papel. Além disso, faz-se apologia à prática do homossexualismo e do lesbianismo. Tanto as Escrituras quanto a tradição eclesial sempre confrontaram essa tendência humana de inverter os papéis naturais (Tal ideologia induz ainda ao pior dos pecados: a insolência da criatura de se rebelar contra o seu Criador (Rm 9.20) (BAPTISTA, 2018).

A ideia de que a igreja estava sendo perseguida, lembra muito o pensamento incitado pelas notícias falsas em redes sociais e até mesmo em mídias como a televisão, onde Jair Bolsonaro chegou a demonizar a teoria da “ideologia de gênero”, com a Fake News mais conhecida das eleições de 2018, o “kit gay”, que, inventado e divulgado como fato, foi ligado de forma indevida a oposição.

No conjunto de sabatinas feito pelo Jornal Nacional da Rede Globo, programa jornalístico com maior audiência no país, o então candidato levou um exemplar do

19 Disponível em: < [https://www.estudantesdabiblia.com.br/cpad\\_sumario\\_2018\\_2t.htm](https://www.estudantesdabiblia.com.br/cpad_sumario_2018_2t.htm) > . Acesso em: 10 de setembro de 2021.

livro *Aparelho Sexual e Cia* e afirmou que o livro fez parte de um kit gay distribuído nas escolas paulistanas durante a administração do petista Haddad. Também citou a apologia ao homossexualismo... O deputado foi desmentido pela editora Companhia das Letras, que publicou o livro no Brasil e pelo Ministério da Educação quanto a distribuição do livro (AZEVEDO, p. 99, 100).

Desta forma, a revista não apenas compactuou como incentivou e teve seu papel na circulação das fake news divulgadas na época. Pautando Marx, luta de classes, feminismo, intolerância religiosa, machismo dentre outros assuntos que, distorcidos e destacados como contra a “igreja”, não abrem espaço para o estímulo a tolerância, mas sim, ao medo, levando diversos fiéis a crerem que de fato grupos que desejam apenas sobreviver, como no caso dos LGBTQIA+<sup>20</sup>, religiões afro descendentes e mulheres com a constante luta por direitos, são uma ameaça a sua existência. No entanto, a contribuição ao atual presidente Jair Bolsonaro por meio das ADs vai além, e também conta com o apoio de Wellington Bezerra da Costa<sup>21</sup>, presidente nacional das ADs até o ano de 2017, declaradamente favorável a candidatura de Bolsonaro, mantendo os laços com o mesmo para além das eleições de 2018.

Bolsonaro, que durante sua promoção pública procurou vincular-se com o segmento evangélico, tendo em vista o ganho de eleitores e legitimidade para as falas de cunho preconceituoso, promoveu um espetáculo que marcou seu “comprometimento” para com os evangélicos. Almeida (2019, p. 200) lembra sobre Bolsonaro “episódios de sua vida mobilizados na campanha, como o batismo no rio Jordão - o mesmo onde Jesus foi batizado por João Batista -, ministrado pelo Pastor Everaldo<sup>22</sup>, da Assembleia de Deus <sup>23</sup>e candidato à Presidência em 2014 pelo Partido Social Cristão (PSC)”. Este episódio difundiu-se entre os evangélicos, que passaram a enxergá-lo como membro<sup>24</sup> da organização, aquele que lutaria contra os ataques a igreja e conseqüentemente a família tradicional.

Até os dias de hoje, tais informações infundadas são amplamente reiteradas por grupos conservadores. A liberdade de expressão que defende a legalidades dessas falas, é a mesma que está sendo atacada, pois o que temos eufemizado é uma tentativa de ruptura para com a diversidade, direitos e livre escolha de um Brasil plural. Quando um líder religioso torna inerente ao indivíduo cristão, determinada linha de pensamento cuja interpretação bíblica se

---

20 Que significa: Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Travestis, Transgêneros, Queer, Intersexo, Assexuais e o ‘+’, que abarca todas as diversas possibilidades de orientação sexual e/ou de identidade de gênero que existam.

21 Ele é tão influente dentro da ADs, que hoje quem assume sua função na instituição é seu filho.

22 O pastor e também Presidente do PSC, Everaldo Dias Pereira, chegou a ser preso em 2020 pela operação *placebo*, que investigava o desvio de verbas destinados ao combate da covid-19.

23 a Assembleia de Deus referida ao seu batismo trata-se da Madureira, que desvinculou-se das ADs estudadas estudadas por este trabalho

24 Para denominações evangélicas, o fiel torna-se membro apenas após o seu batismo nas águas, que não ocorre na infância, mas sim, na fase adulta ou juvenil por meio de escolha própria.

baseia na realidade nos interesses dos agentes detentores de poder, e isso não é menos que uma estratégia de controle em massa. E, sendo o Brasil um país com grande quantitativo de cristãos, é possível compreender as dificuldades de enxergarmos tal dominação e influência por parte das religiões que nos cercam.

A utilização de notícias falsas é, na realidade, um dos diversos elementos que podem ser utilizados no que foi chamado, em um certo contexto, de estratégia de “propaganda”. A notícia falsa que interessa no nosso contexto não é aquela que pode resultar de uma falha de apuração, de um engano ou de outro fator pontual. Ela é a que se revela parte de uma estratégia com uma finalidade definida, que visa a induzir a que uma determinada opinião ou comportamento seja assumido pela sociedade. (AZEVEDO, p. 100)

Assim, voltamos para o conceito territorialidade, percebendo as visíveis manifestações de poder atreladas as estratégias de controle, agora diante, uma sociedade globalizada. Foi por meio da circulação de informações e distribuição de templos ADs por todo o Brasil, que foi possível para organização, por durante 3 meses, uma vez por semana, a dedicação e o diálogo ao estudarem a mesma obra, separados espacialmente, porém, ligados por meio de uma ideologia que os une dentro de um cenário territorial “fragmentado”.

As organizações em rede, como todos sabem, nunca preenchem o espaço social em seu conjunto, inserindo-se, portanto, "naturalmente", dentro de dinâmicas sociais excludentes. A defesa de um "espaço de todos"... de um território efetivamente a serviço de processos crescentes de democratização, não pode nunca se restringir apenas à modalidade de territórios-rede. (HAESBAERT, 2007, p. 31.)

As ADs por meio da territorialidade, não apenas surgem territorialmente, mas ideologicamente vão incorporando elementos que afetam fiéis e simpatizantes. Quando atrelada a globalização apresenta a utilização de informações que podem circular facilmente, não precisando gastar demasiada energia para obterem a influência desejada. Tamanha fluidez e múltiplos territórios, associados a grupos dominantes, podem incluir ou excluir determinados grupos de pessoas que não se encaixam ao padrão estabelecido pelos detentores de poder. Isso torna-se mais agravante com a concentração de poder com a relação Estado/religião, aonde um adota posicionamentos excludentes e agressivos com a justificativa doutrinária da outra, distanciando-se da democracia e laicidade. É por meio do poder invisível da religião, que nossa história é munida conflitos se não gerados, intensificadas por ela. Por este motivo, Bourdieu ressalta que:

As diferentes classes e fracções de classes estão envolvidas numa luta propriamente simbólica para imporem a definição do mundo social mais conforme aos seus interesses, e imporem o campo das tomadas de posições ideológicas reproduzindo em forma transfigurada o campo das posições sociais. Elas podem conduzir esta luta quer diretamente, nos conflitos simbólicos da vida quotidiana, quer por procuração, por meio da luta travada pelos especialistas da produção simbólica (produtores a tempo inteiro) e na qual está em jogo o monopólio da violência simbólica legítima quer dizer,

do poder de impor e mesmo de inculcar instrumentos de conhecimento e de expressão (taxinomias) arbitrários embora ignorados como tais da realidade social (1989, p. 11,12).

Portanto os sistemas simbólicos, por mais que pareçam naturais, são arbitrários. A violência simbólica imposta pela cultura dominante garante efeitos nocivos ao psicológico daqueles que estão sob seu domínio, diferenciando-se da violência física, mas adotando-a em última instância. Desta maneira, essa dominação garante que uns percam a autonomia de pensar, enquanto outros perdem a autonomia no existir, tendo suas escolhas e modo de vida atacados ao fugirem do imposto pela classe dominante.

Tais práticas político-religiosas têm se efetivado diretamente contra os poucos avanços dos direitos sociais de grupos minoritários como: LGBTQIA+, no que tange ao casamento oficial e adoção de crianças; feministas, no que se refere ao aborto e nas discussões sobre gênero; grupos que defendam pautas progressistas são automaticamente denominados de “esquerdistas”, “comunistas”, “fascistas” etc. Mas também se afirmam cada vez mais contundentes contra outras religiões, como por exemplo, os muçulmanos, devido ao processo de refugiados e religiões afro-brasileiras.(MORAIS, 2007, p. 74)

A fala corriqueira no âmbito político conservador de que as minorias precisariam se moldar em prol da maioria, nutre no imaginário da população esse binarismo entre o certo e pecado, o que dificulta o exercício da democracia e direitos humanos por aqueles que são marginalizados. Para além do poder simbólico, a materialidade do poder das ADs expõe-se por meio dos territórios que também se apresentam em rede. Notamos, assim como defende Sack, que a territorialidade se dá de diversas formas e níveis, no qual cada nuance de controle apresenta-se a partir dos interesses de seus próprios agentes. Para o território, será por meio da territorialidade que ele será mantido, ampliado e identificado.

Ao contrário de muitos lugares comuns, territórios requerem esforços constantes para estabelecê-los e mantê-los. Eles resultam de estratégias para afetar, influenciar e controlar pessoas, fenômenos e relações. Circunscrever coisas no espaço, ou num mapa, como quando um geógrafo delimita uma área para ilustrar onde o milho é cultivado ou onde a indústria está concentrada, identifica lugares, áreas, ou regiões no sentido comum, mas não cria por si um território. Essa delimitação torna-se um território somente quando seus limites são usados para afetar o comportamento ao controlar o acesso (SACK, 2013, p. 77).

Sack nos conduz para noção do território como não meramente uma delimitação, mas sim, uma delimitação que possui poder que se utiliza das territorialidades para criar, transformar e controlar. Para Souza, em uma de suas obras, o território aparece como “um espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder” (2000, p. 78). Enquanto que para Raffestin o território é apresentado como:

[...] um espaço onde se projetou um trabalho, seja energia e informação, e que, por consequência, revela relações marcadas pelo poder. [...] o território se apoia no espaço, mas não é o espaço. É uma produção a partir do espaço. Ora, a produção, por causa de todas as relações que envolvem, se inscreve num campo de poder [...] (RAFFESTIN, 1993, p.144).

O trabalho, ora enfatizado pela força ora pela informação, marca a trajetória dos agentes que criam, modelam e controlam os territórios. É necessária energia para ampliar, criar, controlar. Contudo, quanto mais poder de informação detém-se menos energia é gasta. Portanto, faz-se necessária a vigilância, e até mesmo violência se a territorialidade como estratégia de controle não funcionar, violência não necessariamente física, mas também simbólica, pois onde existe poder existe também a resistência. Sendo o poder profuso, torna-se o território inevitavelmente múltiplo, marcado pelas relações de poder dos múltiplos agentes que em rede estabelecem seu “reinado”. Assim, o território ganha mais contraste perante sua interpretação. De acordo com Souza:

Outra forma de se abordar a temática da territorialidade, mais abrangente e crítica, pressupõe não propriamente um descolamento entre as dimensões política e cultural da sociedade, mas uma flexibilização da visão do que seja o território. Aqui, o território será um campo de forças, uma teia ou rede de relações sociais que, a par de sua complexidade interna, define, ao mesmo tempo, um limite, uma alteridade: a diferença entre "nós" ... e os "outros"... Vários tipos de organização espaço-temporal, de redes de relações, podem surgir diante de nossos olhos, sem que haja uma superposição tão absoluta entre o espaço concreto com os seus atributos materiais e o território enquanto campo de forças. Um enraizamento tão forte como aquele focalizado por Ratzel (e a maior parte da tradição da Geografia Política, além, é lógico, da Geopolítica) não precisa existir para que se tenha territórios. Territórios, que são no fundo antes relações sociais projetadas no espaço que espaços concretos (SOUZA, 1995, p. 86).

Logo, para que haja melhor compreensão acerca dos territórios, é necessária uma ruptura para com a ideia superficial e limitada que temos do conceito, uma vez que, não dificilmente partimos do ideal concreto e negligenciamos as relações de poder que se estabelecem no espaço. Para entender a lógica dos territórios das ADs, é preciso começar justamente pelas relações sociais estabelecidas pela instituição, e saber que esses territórios (longe de ser um) é marcado pela identidade de um grupo. Para isso, devemos como pontua Souza, ter mais criticidade para compreensão da diversidade territorial. No entanto, por mais que o território rede se estabeleça com mais vigor na sociedade fluida atual, ele não surge da mesma, apresentando-se em outros momentos da história em sua forma descontínua.

(...) sempre houve territórios descontínuos, os dos comerciantes e seus balcões, os das peregrinações e de suas igrejas de romaria, "territórios-rede" de que o Império de Veneza oferece uma perfeita ilustração. Hoje, este tipo de território domina, dando um outro significado aos recortes tradicionais, sobretudo políticos. (HAESBAERT, 2007, p. 30)



A concepção do conceito de território, não se limita aos fixos, mas compreende que numa sociedade globalizada e com aparato tecnológico, o território deixa de ser apenas o enraizado, e torna-se fluido, não perdendo, porém, sua relevância. Por isso que a ideia de desterritorialização é trabalhada por Haesbaert, já que o que ocorre é uma atualização do conceito que segue com os estudos de uma sociedade que vai se modificando, não que esse tipo de território já não houvesse se apresentando antes, mesmo estando invisível, sob a sombra do conceito rígido do território “tradicional”, sempre houve vários tipos de territórios, no entanto agora, a necessidade dessa compreensão se intensifica.

Nas ADs, não existe território, mas sim, territórios, são inúmeros templos que se espalham por todo país, que se visto de forma isolada, são anacrônicos, porém, quando compreendemos que se trata de um enorme território-rede que reúne cerca de 12 milhões de fiéis em todo Brasil, visualizamos melhor o poder territorial da organização.

Mais recentemente, nas sociedades ditas "de controle" ou, para nós, "de segurança" (e, para outros, num outro sentido, "pós-modernas"), vigora o controle e/ou a contenção da mobilidade, dos fluxos (redes) e, conseqüentemente, das conexões, o território passa então, gradativamente, de um território mais "zonal" ou de controle de áreas (lógica típica do Estado-nação) para um "território-rede" ou de controle de redes (lógica típica das grandes empresas). Aí, o movimento ou a mobilidade passa a ser um elemento fundamental na construção do território. (HAESBAERT, p. 28)

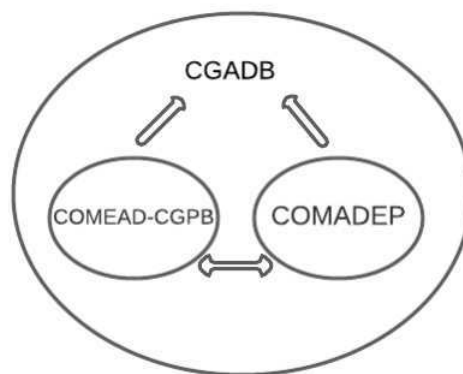
É por meio da perspectiva de movimento destacada por Haesbaert que olhamos para um templo da AD, compreendendo que em todo o país existem igrejas sob tutela da organização que se conectam por meio de instrumentos como a editora CPAD, a qual tornou-se essencial para o consumo das lideranças, que adotam as obras da editora para doutrinar os fiéis de forma padronizada. Vale destacar que as obras da CPAD também são adotadas por outras denominações religiosas, que são amplamente influenciadas pela doutrina das ADs.

## **2.2 Organização territorial das Assembleias de Deus**

Não basta, como realça Haesbaert, romper com o dualismo entre fixidez e mobilidade traduzindo o conceito de território rede, mas, perceber que “mais do que suas formas... importa o tipo de poder e os sujeitos neles envolvidos” (2007, p.22). Portanto, buscaremos investigar como se estabelece os territórios das ADs por meio da escala que traduz também o nível hierárquico pastoral. O território mais forte das ADs são as chamadas convenções, concebidas por no mínimo 500 pastores além dos evangelistas, que unidos, criam e dão forma para as convenções, neste ponto fica mais nítido como a hierarquia e poder destes agentes são primordiais para o surgimento e características dos territórios da organização.

Por meio da coordenação da convenção será atribuído o estatuto, que tornará a padronização possível. As convenções, no entanto, são independentes, mas não isoladas, pois é o aglomerado de convenções que constitui a Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB) sendo esta a convenção de maior escala da instituição. Um exemplo fácil para compreender essa divisão territorial, é por meio do diagrama abaixo, contendo as duas convenções estabelecidas na Paraíba, a convenção de ministros da igreja evangélica Assembleia de Deus de Campina Grande e no Estado da Paraíba (COMEAD-CGPB) e a Convenção de Ministros da Assembleia de Deus no Estado da Paraíba (COMADEP). Ambas são convenções diferentes com pastores presidentes distintos. Ambas trabalham de forma autônoma, entretanto, fazem parte da CGADB.

Figura 6: Exemplo das convenções ADS



Fonte: Meneses, N. R.

A CGADB procura por meio de reuniões com os pastores presidentes das demais convenções, unificar o território rede. Por isso, existe uma constante necessidade de deslocamento entre os pastores presidentes das convenções, o que também se repete com os pastores dos campos, que migram periodicamente para os templos estabelecidos como sede. Para um território se manter, ele precisará de constante manutenção, até porque sua dimensão faz necessário a unificação por meio da identidade doutrinária, estabelecida pela liderança. Ao pastor presidente da CGADB, é atribuída a responsabilidade de reunir-se com os pastores presidentes das convenções, criar projetos, estabelecer normas, decidir situações a nível nacional, além de estar incumbido de intermediar problemas entre as convenções,

aconselhamento, e etc. O pastor presidente deve ser eleito por pastores e evangelistas<sup>25</sup>, sendo ambos os cargos de maior destaque na liderança da instituição, porém, sua saída demanda algum “escândalo”, morte ou abdicação. O atual presidente da CGADB é o pastor José Wellington Costa Junior, filho do antigo pastor presidente. A candidatura do atual pastor presidente acarretou na separação da convenção de Belém do Pará, por problemas relacionados ao poder contínuo dado ao Estado de São Paulo, sendo Pará a região onde emergiu a organização. Longe de resumir o desligamento das convenções a esta informação, porém esse assunto não será delongado. Cabe apenas nossa atenção para a importância das convenções e eleições presidências dentro da instituição, já que foram problemas na hierarquia pastoral que demandaram um novo contraste no território ADs, agora sem a convenção de Belém.

Além das convenções as ADs contam com mais três formatos de território, sendo eles: Campo, igreja e congregação. Os campos são a soma de igrejas e congregações coordenadas por pastores que são escolhidos pelo pastor presidente local, eleito com a mesma lógica do pastor presidente geral, porém a ele está incumbido uma convenção com escala menor. Lembrando que os territórios ADs são mais complexos que apenas templos espalhados, e, um campo pode ser também onde se localiza a sede da convenção, neste caso o pastor presidente também será o pastor que dirige o campo. No entanto, uma convenção é também a soma de diversos campos, assim sendo, de forma geral são pastores demandados pela presidência que assumem a liderança desses territórios.

As igrejas assim como as congregações são os territórios de menor escala inseridos nas ADs. Ambas têm seus limites evidenciados e limitados através das construções físicas erguidas e diferenciam-se a partir do poder exercido em cada território. As igrejas são enfatizadas por terem Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica (CNPJ), logo, expõe-se como legítima. Cada campo irá possuir apenas uma igreja, o que a centraliza, tanto em questão financeira por ser a única construção apta a receber as finanças da organização, como porque são nelas em que o cargo de maior relevância está incorporado, no caso são os pastores designados pela presidência da convenção que são responsáveis por dirigirem as igrejas dos Campos. O poder das [igrejas] templos sedes evidenciam-se também na estrutura da construção, maior e mais adornada, estabelecendo-se por vezes, nos grandes centros das cidades.

---

25 Vale ressaltar que mulheres não podem participar da liderança, sendo elas consequentemente excluídas da participação da escolha dos líderes religiosos.

Chegamos a base do território AD, que corresponde as chamadas congregações. Para melhor compreensão acerca das congregações podemos enfatizar sua numerosidade, já que diante de um campo são as congregações que prevalecem, estando inseridas nos mais diversos bairros, distritos, sítios, localidades do geral. Um campo será formado por uma igreja ligada a um número “ilimitado” de congregações, que são, no entanto, administradas pelo pastor e pela “igreja sede<sup>26</sup>”. Outra característica específica das congregações diz respeito a sua flexibilidade para com sua direção, já que abrange evangelistas, diáconos, presbíteros, auxiliares, sendo uma forma interessante para galgar o pastoreado. Nas igrejas quem dirige os cultos são os pastores, sendo os evangelistas uma posição de grande destaque, mas ainda assim não detém do poder central da igreja. Geralmente quando os obreiros no geral são chamados para alguma manifestação no púlpito da igreja, é uma forma de trazer experiências para os potenciais pastores. A mesma lógica é usada para inserir os obreiros nas lideranças das congregações, que quando são pagos possuem salário fixo remunerado pela igreja-sede, que assume o controle das finanças adquiridas das congregações. Vamos pensar na hierarquia ADs como uma pirâmide (imagem 1.), onde só se chega no pastoreado, galgando os níveis hierárquicos tendo como base o cargo de auxiliar, e “topo”, o pastoreado.

Figura 7: Hierarquia da liderança AD

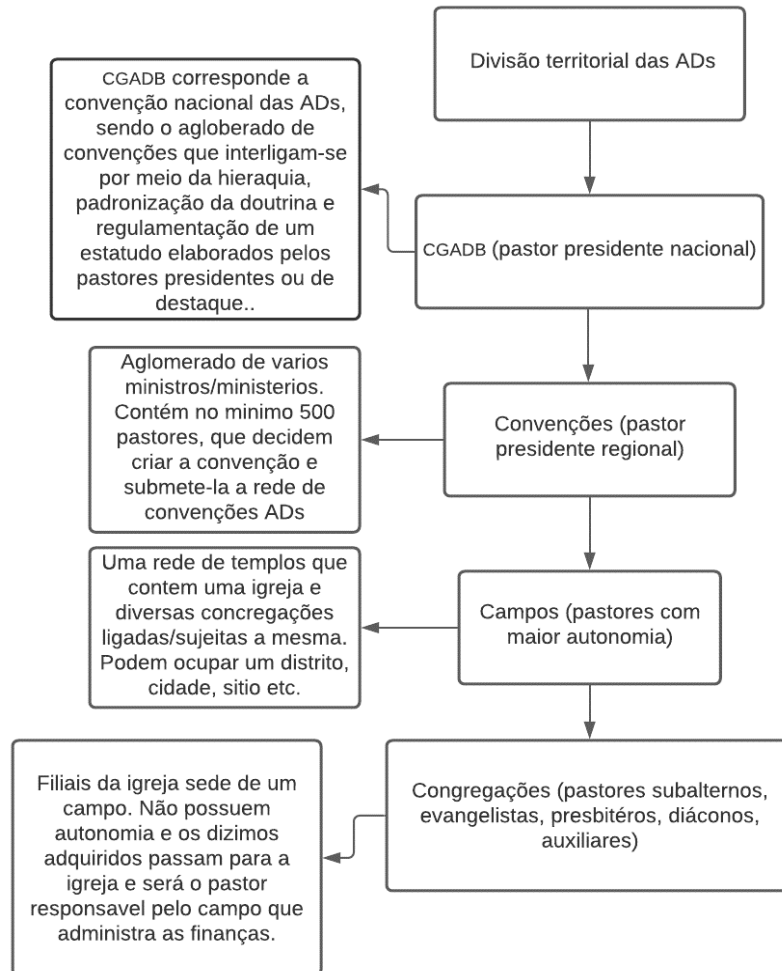


Fonte: Meneses, N. R.

---

26 Onde ocorrerá as festividades e eventos de maior relevância, dependendo dos lócus

Figura 8: Divisão territorial das ADs



Fonte: MENESES, N. R.

Vamos pensar na hierarquia das ADs como uma pirâmide, que para chegar ao topo, ou seja, no pastoreado, faz-se necessário galgar os níveis hierárquicos tendo como base o cargo de auxiliar, e no “topo” o de pastor. Ao verificarmos o diagrama (figura 8), confirmamos a pertinência da relação hierárquica dos cargos para criação e manutenção do território-rede das ADs. Não será a concentração de poder que manterá a sua estrutura, mas sim, a capacidade de ligar-se por meio das convenções, que estabelece uma divisão territorial própria e rica em detalhes. Para a construção do poder territorial das ADs, foi necessário a fragmentação para dispersão, e da hierarquia para controle e unificação da identidade da instituição, já que são os pastores, que estabelecem por meio da doutrina unificada, a identidade dos assembleianos.

Muitos territórios têm o controle e a identidade internos garantidos por redes hierárquicas (geralmente com o papel de dominação) ou complementares (muitas vezes “de solidariedade”). E vice-versa: territórios podem servir como patamar para a articulação de redes que cooptem, hierarquicamente, outros territórios (HAESBAERT, 1997, p. 92),

Ou seja, faz-se necessário lembrar que território é fundamentalmente o palco das relações de poder, sendo ele um reflexo das territorialidades. Logo, um templo serve para que fieis comunguem, mas também, através da escala de poder atribuída a ele, temos mais que um templo, mas também a sede de reuniões mensais entre pastores que através de encontros frequentes circulam a economia da instituição assim como informações, manutenções, doutrinas, normas e projetos. Isso ocorre por exemplo, com o município de Campina Grande-PB, que mensalmente reúne diversos pastores de toda a COMEAD-CGPB na sua sede no bairro da Prata (Figura 9). Assim, o templo sede de Campina Grande-PB, ganha novos contrastes, a partir do momento que as relações de poder estabelecidas realçam sua funcionalidade dentro dos territórios ADs. Quando se trata de um território-rede, a ideia estática da soberania, cede espaço para sobreposição, e consequente articulação entre os territórios.

### **2.3 Território das ADs em Campina Grande-PB**

O município de Campina Grande, corresponde hoje a sede da COMEAD-CGPB, a convenção englobava até o ano de 2020, 111 igrejas correspondentes a convenção em toda a Paraíba. Enfatizando que essas igrejas estão associadas a inúmeras congregações, sendo evidenciada por seu controle dentro dos campos. A organização compreende a relevância de Campina Grande no Estado da Paraíba, pois não criam aleatoriamente seus territórios, seguindo também a hierarquia das cidades. Conforme Silva:

Campina Grande exerce também uma considerada influência no território paraibano. Através das ações políticas e econômicas sobre uma totalidade de aproximadamente 60 municípios, desta maneira foi empregada sobre ela uma região metropolitana na qual esta é composta por 23 municípios que englobam uma rede urbana. (2011, p. 6)

Acontece semelhante com a sede da liderança da CGADB, que está inserida no Rio de Janeiro, uma das cidades de maior visibilidade do Brasil, mostrando mais uma vez a escala que muda, mas que não interfere na estratégia estabelecida por meio da instituição, que segue a lógica do “mercado” procurando por localizações geográficas de ampla influencia para estabelecer uma hierarquia entre os templos sede e filiais. Apenas no município de Campina Grande-PB, a Assembleia de Deus possuiu cerca de 125 templos erguidos.

Assim, pode-se afirmar que a territorialidade das igrejas pentecostais é informal e fugaz, mesmo entre as que já se encontram consolidadas, pois podem existir, no

mesmo bairro, dois templos de uma mesma denominação religiosa concorrendo entre si, confirmando a tese que o espalhamento espacial dessas igrejas está relacionado ao controle do espaço e consolidação do poder (OLIVEIRA, 2012, p. 154)

Isso porque as ADs preocupam-se com a acessibilidade dos fiéis, por mais que exista a igreja sede, frequentemente instalada em bairros nobres e lideradas por pastores mais prestigiados, as congregações procuram estabelecer-se em todos os espaços, com liderança de fácil linguagem e acesso, abarcando diversas realidades. No entanto, como mostra a tabela, a instituição tem uma forma independente de dividir o seu território, considerando do campo de Campina Grande-PB apenas os templos inseridos dentro do perímetro urbano. Assim, temos duas perspectivas do território das ADs em Campina Grande-PB, obtendo desta forma 125 templos considerando o limite do município estabelecido pelo Estado, e, 102 considerando apenas a área urbana. Desta forma, oficialmente o campo de Campina Grande-PB possui para as ADs, 101 congregações e 1 igreja sede.

Tabela das congregações Ads em Campina Grande-PB

| Campos                         | Total de congregações/igreja |
|--------------------------------|------------------------------|
| Área Urbana de Campina Grande  | 102                          |
| Catolé de Boa Vista (Distrito) | 3                            |
| Galante (Distrito)             | 13                           |
| Lucas (Sítio)                  | 2                            |
| São José da Mata (Distrito)    | 5                            |

Fonte: MENESES, N.R

Entretanto, acerca da tabela vale salientar que os Distritos de Campina Grande são apenas três: Catolé de Boa Vista, Galante e São José da Mata. No entanto, o Lucas que faz parte do distrito Catolé de Boa Vista, também é identificado como campo. Diante disto percebemos que existe um método próprio adotado pelas ADs para divisão territorial, baseando-se em necessidades e estratégias específicas, que ajudam na manutenção do território-rede. Para isso é levado em consideração a localização geográfica, pois o pastor da igreja precisa de fácil acesso as congregações. Além disso, outro fator relevante é a independência financeira da igreja que

somada as congregações, não precisarão de auxílio externo. Isso porque nem todas as congregações conseguem manter-se apenas com o dizimo recolhido. Contudo, para os Campos que não possuem boa entrada de verbas, mesmo que consigam subsistir recebem auxílio de cesta básica da convenção, recebidas periodicamente na reunião que ocorre entre os pastores da convenção COMEAD-CGPB em Campina Grande-PB.

Figura 9: Igreja sede da COMEAD-CGPB, bairro da Prata

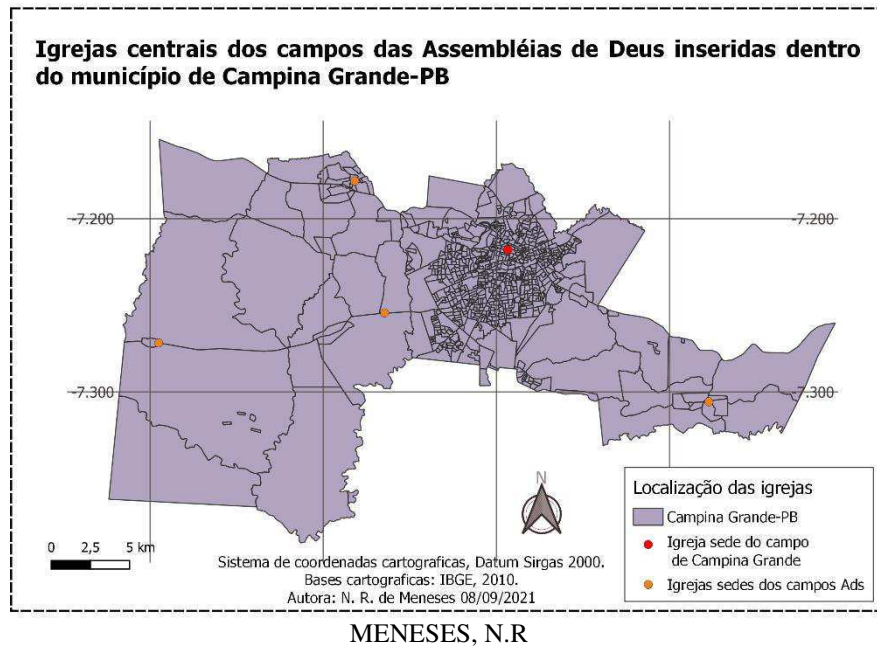


Fonte: FERREIRA, L.

Por conseguinte, ambos os territórios se sobrepõem, tanto o dividido pelo Estado como a divisão territorial realizada pelas ADs, o que explicita a amplitude dos múltiplos territórios anexados em Campina Grande-PB. Assim, o território para Haesbaert se expressa “(...) a partir da concepção de espaço como um híbrido - híbrido entre sociedade e natureza, entre política, economia e cultura, e entre materialidade e "idealidade" (...)” (2004, p.79). Logo, seria um território menos território que outro apenas pela diferença no tipo de poder e territorialidade? Ou até, seria um território isolado tendo em vista a negligência ao limitar o conceito apenas pela concepção fixa de sua delimitação espacial? Passamos desta forma a enxergar Campina Grande-PB para além de um município, pois, ela é também a sede da COMEAD-CGPB, e isso significa mais do que apenas vários templos na cidade, mas que ali se estabelece relações de poder, e sua influência.



FIGURA 10: Localização das igrejas centrais dos campos das ADs em Campina Grande-PB



As igrejas representam no mapa acima todos os campos inseridos dentro do município de Campina Grande. O ponto na cor vermelha possui destaque por simbolizar a igreja-sede, não apenas do Campo de Campina Grande-PB (por estar inserida no perímetro urbano), mas também da COMEAD-CGPB. Os pontos em laranja indicam a presença de uma igreja na localidade, que conseqüentemente se converte num campo ao está ligada as congregações. Por falta de alguns documentos e entrevistas acerca da localização das congregações, dificultados pela pandemia, não foi possível delimitar o recorte dos campos, pois, as congregações se distribuem nos sítios de difícil acesso e não seguem uma regra Estadual para sua divisão territorial. No entanto, as igrejas localizam-se nos centros das mediações a qual estão inseridas, o que nos fornece informações mais nítidas para sua representação.

O território moderno, especialmente na forma “universal” do Estado-nação (uma etapa na racionalização do mundo, como propôs Max Weber), teve sua força ligada cada vez mais à funcionalidade econômica (e também política, através de uma pretensa universalização da cidadania), aliada às grandes redes, e menos ao enraizamento simbólico que suas fronteiras muitas vezes propunham (HAESBAERT, 1997, p. 255).

Levando essa fluidez em consideração, compreendemos os motivos de não minimizar os impactos desses múltiplos territórios. Pois, eles não apenas sobrepõem-se como também se comunicam entre si, principalmente a religião, que frequentemente é utilizada pelo Estado. Cabe a nós, geógrafos, essa percepção dos agentes detentores de poder, que se torna decrépito

à medida que negligenciamos as interpretações acerca dos conceitos estudados. Passamos então, vista grossa para esses agentes, que possuindo um poder tido como invisível, afeta nosso espaço sem que haja questionamentos necessários para uma sociedade dita democrática.

Algo interessante acerca das construções ADs, é que pelo menos na Paraíba, se estabelece uma padronização das cores, sendo grande parte dos templos filiais assim como os templos sede, da cor azul. Já em sua arquitetura se expressa por elementos verticais evidenciados no topo da fachada da construção. Desta forma, fica mais fácil compreender quais as Assembleias de Deus pertencem a convenção, já que estas possuem particularidades que precisam ser evidências também em sua estrutura física. Além disso, muitos dos templos detêm de placas informativas acerca sua ligação com a convenção, COMEAD-CGPB. Portanto, “as marcas da identidade não estão inscritas no real, embora os elementos sobre os quais as representações de identidade são construídas sejam dele selecionadas” (PENNA, 1992, p. 167). Logo, enxergamos diversos símbolos que compõe a AD, como as roupas usadas pelas mulheres, as cores dos templos, a menção contínua as convenções, o que torna as ADs uma, mesmo que divididas espacialmente.

Por isso, apesar da difusão de templos que adotaram o nome “Assembleia de Deus”, afirmar que todos são iguais é um equívoco, pois a identidade da organização advém da circulação de informações e conexão entre os templos, sendo filiais ou sedes, que através dos pastores, como enfatizado, circulam a doutrina e a economia da organização. Templos ADs isolados fora da CGADB, não possuem essa conexão, ou padronização. No entanto, por meio da CPAD e doutrina pentecostal, as ADs possuem influência, que foi e ainda é difundida no cenário religioso do Brasil, mas não significa que apenas o nome da organização seja capaz de nos fornecer todas as informações necessárias para decifrarmos se determinada denominação é ou não a AD mencionada neste trabalho, já que ela carece da conexão compreendida apenas por meio da sua associação a convenção.

#### **2.4 Um breve estudo de caso sobre as ADs no Distrito Catolé de Boa Vista-PB**

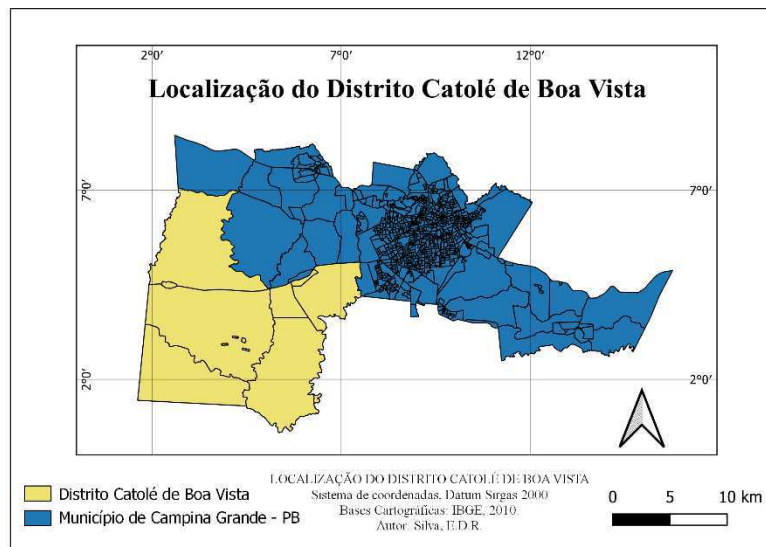
O Distrito Catolé de Boa Vista, com cerca de 4 mil habitantes integra o município de Campina Grande, Paraíba. Segundo o IBGE ele foi criado em 1949 com terras desmembradas do distrito de Caturité e do município de Cabaceiras. O Distrito conta hoje com 13 Sítios<sup>27</sup> distintos, são eles: Açude de Dentro, Aragão, Boi Velho, Cacimba Nova, Campo de Boi,

---

<sup>27</sup> Quando mencionamos os Sítios, estamos nos referimos aos Povoados e Chãs, por sua regionalização com grande comunidade rural recebe essa nomeação.

Estreito, Logradouro, Lucas, Paus Brancos, Queimada da Ema, Quixaba, São Pedro, Várzea do Capim. Infelizmente, é uma localidade “ignorada” pelo município de Campina Grande, havendo um histórico de descaso com os moradores locais, que até hoje sofrem com falta de água e rede de esgoto. É também, pouco conhecido, o que torna as melhorias distantes de ocorrerem por estar fora dos holofotes.

Figura 11: Localização do Distrito Catolé de Boa Vista, Campina Grande- PB



SILVA, E.D.R

A igreja de Catolé de Boa Vista foi construída há cerca de 30 anos. Entrevistados dão o mérito da construção dos templos para evangelistas que proviam dos municípios de Campina Grande e Boa Vista. Seguindo a lógica da territorialidade da denominação os cultos começaram na casa de uma fiel, onde conseqüentemente houve a ampliação do evangelismo no Distrito. Camila<sup>28</sup>, falou sobre sua conversão, e ressaltou a relevância da atuação dos evangelistas, que iam semanalmente a sua casa para ensinar-lhe sobre a bíblia e hinos cristãos. As evangelizações ocorreram antes mesmo da estrada PB-138 ser construída em meados de 2015. Vale enfatizar que o distrito Catolé de Boa Vista, antes da pavimentação da estrada, era de difícil acesso, contendo apenas um ônibus por dia para trânsito de moradores e raras vans, que se arriscavam pela estrada precária. Ainda assim, foi relatado que fiéis da AD, vinham em Brasília (carros muito populares nos anos 1980) e utilizavam mão de obra voluntária para a construção da igreja.

A territorialidade pentecostal é marcada pela descentralização de decisões e por uma informalidade que facilita de maneira considerável a difusão dessa crença no espaço. Tais características permitem ao pentecostalismo, não apenas o acompanhamento,

<sup>28</sup> Todos os nomes citados referentes a entrevistados, são fictícios

mas, sobretudo, a adaptação às causalidades e às transformações inerentes e imanentes à sociedade moderna. (MACHADO, 1997, p. 230).

Assim, não devemos resumir a territorialidade das ADs apenas na lógica dos grandes centros urbanos, sua territorialidade baseia-se fundamentalmente em ampliar-se por meio da evangelização nas periferias e zonas rurais. Não existe apenas um público alvo, todos os “diferentes” são bem-vindos a associarem-se a organização. Hoje, Catolé de Boa Vista conta com um campo próprio, e assim como o Distrito pertence a Campina Grande-PB, no entanto não faz parte do seu campo, ocorre com um sítio que integra o Distrito, no caso do sítio Lucas que também apresenta independência. Atualmente, o campo de Catolé de Boa Vista é composto apenas por uma igreja e duas congregações, não havendo outras igrejas no Distrito, se não a Assembleia de Deus e uma Igreja Católica.

Figura 12: Congregação da Quixaba



Meneses, L.

Figura 13: Congregação do Boi velho



MENESES, L.

Figura 14: Igreja sede do campo Catolé de Boa Vista



MENESES, D.

Nas fotografias é possível visualizar os esforços das ADs para evidenciar sua relação com os demais templos. Utilizando-se então de artifícios como sua cor azul, assim, como o templo sede de Campina Grande, e, possui também em sua fachada o símbolo das ADs. É comum,

encontrar símbolos nos templos e até em obras divulgadas pela editora, os símbolos correspondem ao que seria o batismo com Espírito Santo, havendo um globo e uma chama como elementos predominantes, enfatizando o pentecostalismo que é a base doutrinária das ADs.

Dessa forma, o território deve ser visto na perspectiva não apenas de um domínio ou controle politicamente estruturado, mas também de uma apropriação que incorpora uma dimensão simbólica, identitária e, porque não dizer, dependendo do grupo ou classe social a que estivermos nos referindo, afetiva (HAESBAERT, 1997, 41).

A identidade dos moradores da localidade, é influenciada pela igreja, que acaba se destacando em espaços rurais e com pouca oportunidade de entretenimento. Como a única denominação evangélica do Distrito, boa parte da população feminina usa saia. Alguns problemas jurídicos, por exemplo, antes de chegarem na justiça são relatados ao pastor, e muitas vezes apenas para ele. O pastor costuma receber frequentemente presentes dos fiéis, que juntos com a comunidade, o enxergam como liderança, e a igreja AD, dentre outras tantas denominações evangélicas, a correta. “A territorialidade, além de incorporar uma dimensão mais estritamente política, diz respeito também às relações econômicas e culturais, pois está "intimamente ligada ao modo como as pessoas utilizam a terra, como elas próprias se organizam no espaço e como elas dão significado ao lugar"(HAESBAERT, 2007, p. 22). As ADs Fornecem desta forma, para o Distrito marginalizado, a atenção que falta até mesmo do município, criando uma ligação de pertencimento com os crentes.

Figura 15: Símbolo das ADs da convenção COMEAD-CGPB



Fonte: Site ADCG

Logo, estamos diante de um poderoso território rede, que apenas em Campina Grande-PB possui cerca de 40 mil membros, e cerca de 12 milhões (segundo senso do IBGE de 2010) em todo Brasil. Em Catolé de Boa Vista, foi possível a entrevista com 7 fiéis, que

exemplificaram que: mais do que brasileiros, são também assembleianos. Para compreendermos o território, precisamos enxergar como é desenvolvida a relação de poder da organização. Entre os pontos destacados como fundamentais para congregarem na AD, todos, exceto uma pessoa, informaram que tinha sido por causa da doutrina simples, e que soava como certa. Sendo os moradores de Catolé de Boa Vista, em sua maioria, pequenos agricultores e criadores de animais, que por sua faixa etária mais avançada ou até mesmo pelas oportunidades limitadas fornecidas ao Distrito, poucos possuem escolaridade além do ensino fundamental, e nenhum dos entrevistados ou membro da igreja possuem ensino superior. É marcado então, o apreço pela simplicidade da Doutrina, e didática por meio dos líderes religiosos que também se configuram por falar a “língua” do povo. Outra característica que traz a noção de pertencimento, é o forte conservadorismo das localidades “interioranas”, a qual a doutrina das ADs abarca.

Por ser a única igreja evangélica do Distrito, para que fosse compreendido qual a visão de mundo daqueles fiéis acerca da situação política brasileira, tendo em vista a influência das ADs com questões políticas, durante a entrevista foi perguntado o que os levavam a votar em determinado candidato, a maioria respondeu que seria a proximidade com os “valores cristãos”. Acerca do que levava a “igreja” a aumentar seu engajamento na política, o seguinte foi respondido por Antônio<sup>29</sup>:

O que tem levado as igrejas a se envolver nessas últimas duas eleições, tanto presidenciais como governamentais na política, é que a igreja tem percebido grande influência da esquerda contra os princípios e valores que a igreja defende, e prega. Exemplo, a igreja é contra o aborto, em quaisquer circunstâncias, a igreja é contra a legalização do casamento civil para homossexuais, é contra a liberação da maconha e outras drogas por parte do governo, a igreja é contra o ensino precoce da ideologia de gênero nas escolas, para até crianças, como foi tentado ser colocado...por isso a igreja tem se envolvido muito, para eleger candidatos que mesmo que não seja membro da igreja, mas que defenda a pauta de interesse e dos princípios cristãos da igreja, e a igreja tem como medo que essa esquerda domine, realmente o país em todos os sentidos e coloquem em pauta essas ideologias anticristão em nosso país....

Já outro membro da denominação discorreu, “a gente como igreja temos nossos valores nossos princípios, que muitas vezes o Estado vem moldando...e tendo representante políticos nossos ali dentro, é nisso que a política pode ajudar, é ele lutar pelos nossos princípios...” (Cristina). Posteriormente também foi revelado que a liderança da organização não cita candidatos, apenas aconselham a votar em partidos de direita e não nos de esquerda, o que já é preocupante, no entanto, outras 3 entrevistadas mostraram que não é bem assim, já que além da orientação acerca da ideologia, a organização tomou o partido do Jair Messias Bolsonaro, e não

---

<sup>29</sup> Todos os nomes citados são fictícios

difícilmente encontra-se pastores que incentivam os fiéis a votarem em um determinado candidato.

Maria relatou acerca da influência dos pastores com as indicações políticas: “Com certeza, já, um fato, foi recente agora com Bolsonaro, se bem que eu, passei a respeitá-lo, mas na ocasião eu achei errado”. Falas assim apontam elementos básicos de todo território, o controle por meio das relações de poder que por vezes são legitimadas. Além das eleições de 2018, bastante enfatizada neste trabalho, as ADs de Catolé de Boa Vista também receberam candidatos locais, até mesmo de sindicatos, revelando a constante hibridização entre política e religião. Muitos fiéis mesmo que não concordem com o ato da política estar inserida nos cultos, e no meio evangélico, legitimam as falas de seus líderes religiosos, que “estão preocupados com a vida espiritual de suas ovelhas”. Essa relação afetiva descarta por vezes o questionamento do que é dito e consumida na organização.

Quero enfatizar que não apontamos uma determinada religião gratuitamente, mas para compreender as dimensões de sua estrutura. Alencar, autor de diversos livros acerca das ADs, e membro da denominação, expõe em uma de suas obras a interpretação acerca dela.

Espremida entre ser uma igreja moderna ou conservadora, urbana ou rural, nacional ou estrangeira, com afinidades com suecos ou americanos, essa igreja se esfacela, assumindo, em diferentes locais e tempos, por razões diversas, múltiplas vertentes... Comunitária e acolhedora, abre espaços para todos e todas nas manifestações democráticas e paritárias da glossolalia<sup>30</sup>, dos testemunhos, dos cânticos, da musicalidade, das oportunidades. Conquanto hierarquizada, legaliza um modelo estamental que exclui as mulheres e também discrimina os “negativamente privilegiados”, por esses não fazerem parte dos grupos de status próximos aos centros de poder. Presente nas extremas brenhas do interior marginal do mais pobre e esquecido sertão, e nas favelas, ao lado de espaços ricos e urbanos, mas igualmente não alcançado pelo Poder Público; entranhadas e assimiladas nas comunidades pobres e também já dando o ar de sua graça nas classes mais favorecidas; aparecendo nos mais altos cargos políticos e também ascendendo economicamente, portanto, impossível de não serem notadas nas paisagens urbanas e rurais, pois presente de norte a sul, lá estão as ADs. Nelas se reconhece o Brasil, e este também, não se pode negar, é muito presente nas mesmas. (2012, p. 41)

O que falar desta fala abonada em detalhes? O território-rede das ADs, apesar de sua fragmentação e sobreposição está longe de ser débil, a identidade e as particularidades alcançadas por meio dos esforços da territorialidade da instituição, são evidentes. A escala não modifica o método exercido pela organização religiosa, que assim como outras inúmeras, exerce influência em nosso cotidiano, mas tem seu poder ignorado por ser invisível pelo tamanho de sua legitimidade. Suas características simples chamam a atenção de um povo carente, muitas vezes fragilizado por sua falta de identidade em um país há muito tempo

---

<sup>30</sup> Transe religioso que capacita o fiel a falar línguas ininteligíveis.



destituído de liberdade de ser, o que faz das ADs uma outra possibilidade de existir e perceber o mundo a sua volta. Algo que se escuta com frequência vinda dos membros das ADs; “Estamos neste mundo, mas não pertencemos a ele”, frase forte e impactante sentida com ímpeto pelos fiéis, que assimilam tão fortemente sua religião, que excluem aqueles que não pertencem a ela, por julgá-los serem seus diferentes, mesmo enquanto humanos e brasileiros, e por isso devemos resistir quanto a sua influência indevida em certas áreas do âmbito nacional.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os territórios das ADs surgem através da territorialidade, Gunnar Vingren e Daniel Berg conseguiram, por meio da evangelização, seguidores para fundarem, em 1911, o primeiro templo do que viria se tornar as Assembleias de Deus. Desta forma a trajetória das ADs é marcada pelo evangelismo, responsável pela criação de todos os templos existentes no país. Alguns atrativos que esses mensageiros trazem, é o pentecostalismo com ênfase no Batismo com Espírito-Santo e a doutrina de usos e costumes, com forte grau conservador. Com o poder doutrinário em mãos, os evangelistas das ADs conseguiram/conseguem grande número de seguidores, principalmente dos marginalizados.

Em 1918, um dos integrantes do movimento que ocorrera em Belém do Pará passa a pregar o evangelho no município de Campina Grande-PB, tendo ajuda do Pastor Pacheco Brito, que abre um ponto de evangelismo em cada bairro da cidade, além dos evangelistas que percorriam os Distritos e zonas rurais do município. Essa estratégia de dispersão para ganho da comunidade e construções de templos, termina sendo mistificada, a ideia da divindade atrelada aos evangelistas (agentes detentores do poder simbólico doutrinário) apaga suas ações para boa parte dos seus seguidores. Por este motivo, o poder de suas ações, controles, economia e etc, terminam sendo legitimados com pouca resistência, pois creem os dominados, pela doutrina, que a mesma os libertará do mundo profano.

Em Campina Grande-PB, um viaduto foi nomeado com nome de “Pastor Pacheco de Brito”, sendo lembrado como um homem de “Deus”. A homenagem segue o caráter dos espaços simbólicos, que assim como o poder símbolo, afeta o imaginário da população. Sobre as ações do pastor que evangelizou toda a cidade, caem o mérito de ter realizado a obra de Deus, isso, não apenas dentro do espaço sagrado para os crentes, porém, no que deveria ser o espaço profano, o âmbito político, mas associados pelo seu poder simbólico, a religião também passa a ser utilizada como se fosse instrumento do Estado. Diferente de algumas denominações de

cunho neopentecostal que visam a prosperidade “terrena” para evidenciar a conexão com Deus, para os pentecostais assembleianos eles não pertencem a este mundo, a legitimidade com que a doutrina chega aos fiéis da organização, fazem com que agora possuam dupla cidadania, pois passam a pertencer a uma segunda comunidade, todos nomeiam-se de irmãos e irmãs. Isso é enfatizado pela economia das ADs, que mesmo sendo a igreja com maior número de membros pentecostais, não está entre as cinco igrejas mais ricas conhecidas no Brasil.

Esse caráter mais rígido e com ênfase para além dos dízimos a torna uma organização discreta. No entanto, não se pode afirmar que a denominação não foca na questão financeira, já que se mantém por meio de dízimos e ofertas, mas que em sua doutrina, a escolha de não destacar este ponto acima de outros, como o forte conservadorismo e ênfase na simplicidade, a torna atraente para muitos, principalmente os mais pobres. Essas identidades específicas dos grupos passam a ser um problema na medida que seu poder é legitimado, e sua fala passa a perseguir outros grupos. Ora, se a partir do momento que uma pessoa passa a ser membro das ADs ela ganha uma nova identidade, e esta identidade é ampla no Brasil através da conexão doutrinária, por meio das convenções, o sentimento de ser maioria prevalece e ela passa a excluir aqueles que pensam e existem de formas diferentes.

A ligação com o meio político fornece para as ADs forte concentração de poder, o que desfavorece a democracia, pois seu preconceito, uma vez legitimado, passa a associar-se com outros âmbitos de poder. Como já ocorreu no Distrito Catolé de Boa Vista, que não possui água encanada, e mesmo assim o campo recebia água gratuita por meio de ligações políticas, enquanto os moradores precisavam pagar, esses favores ocorrem sem que as pessoas se deem conta do poder que essas organizações possuem. Nas entrevistas e ao visitar o local, as Assembleias de Deus e seu azul destacam-se no verde, as mulheres e suas saias jeans, donas de casas, trabalhadoras, levam em seu corpo a identidade assembleiana. Os agricultores humildes, os abusos silenciados contados apenas para os pastores e a falta de infraestrutura, marcam uma comunidade esquecida pela administração municipal, mas não pelas ADs, que por meio da doutrina possuem poder capaz de transformar brasileiros em assembleianos, que perdem a sensibilidade da dor que o Brasil está passando, numa pandemia negligenciada pelas políticas e pelo atual presidente, tendo como consequência inúmeros mortos, em nome de Deus e da família tradicional Brasileira, presidente esse, eleito não apenas pelas assembleias, mas por tantas outras instituições religiosas que ameaçam, juntamente com o governo atual, a liberdade de um povo jamais liberto.

O território-rede das Assembleias de Deus, assegura a concentração de poder da organização. Assim, inserindo inúmeras congregações pelos bairros e nas mais diversas localidades das cidades brasileiras sem enxergar como problema a quantidade de templos próximos um do outro, as ADs obtêm forte êxito em sua territorialidade, que detém altos número de templos e de membros em todo Brasil. Mesmo tendo seu poder subestimado por uns e usados por outros, a Assembleia de Deus permanece crescendo, assim como o pentecostalismo, e se faz necessário os debates constantes sobre a legitimação do poder dado a grupos com tendências intolerantes, que acabam por dificultar a democracia num país já excludente. Assim, como frear a alienação religiosa crescente em nosso país? Pois tal alienação, não é simples ou inofensiva, ela é nociva e, por vezes não conseguimos nota-la. Que possamos enxergar as relações de poder por trás dos territórios físicos, que nos limitam ao concreto, e fazem com que deixemos passar grandes agentes do poder, por já não conseguir perceber seu controle. Assim, o presente trabalho expõe a trajetória da territorialidade das ADs, pontuando seus múltiplos territórios. Logo, o poder enfatizado da organização faz um apelo para que possamos nos instigar a enxergar as religiões para além do caráter emocional, não a demonizando, mas também, não subestimando seu poder.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ronaldo de. **Bolsonaro presidente: conservadorismo, evangelismo e a crise brasileira**. Novos Estudos Cebrap, São Paulo, v. 38, n. 1, p. 185-213, jan./abr. 2019.

ALENCAR, Gedeon Freire. **Matriz Pentecostal Brasileira. Assembleias de Deus – 1911 – 2011**, Rio de Janeiro, Novos Diálogos Editora, 2013.

\_\_\_\_\_. **Assembleias Brasileiras de Deus: Teorização, História e Tipologia – 1911-2011**. Tese de Doutorado em Ciências da Religião. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2012.

ARENDT, Hannah. **Da violência**. Brasília, Editora da Universidade de Brasília, 1985.

\_\_\_\_\_. Azevedo Jr., Aryovaldo. **Fake news e as eleições brasileiras de 2018: o uso da desinformação como estratégia de comunicação eleitoral**. Revista Más Poder Local, 44: 81-108, maio, 2021. Disponível em: <https://www.maspoderlocal.com/index.php/mpl/article/view/fake-news-eleicoes-brasileiras-2018-mpl44>. Acesso em: 10 de setembro. 2021.

BAPTISTA, Douglas. **Valores Cristãos: Enfrentando as Questões Morais de Nosso Tempo**. 2º trimestre, 2018. CPAD, 2018. Disponível em: [http://www.estudantesdabiblia.com.br/cpad\\_sumario\\_2018\\_2t.htm](http://www.estudantesdabiblia.com.br/cpad_sumario_2018_2t.htm). Acesso em: 09 setembro. 2021

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

CAMPINA GRANDE, Prefeitura Municipal. **Em ato prestigiado por lideranças evangélicas, Romero Rodrigues inaugura o viaduto Pastor Pacheco de Brito**. Disponível em: <https://campinagrande.pb.gov.br/em-ato-prestigiado-por-liderancas-evangelicas-romero-rodrigues-inaugura-o-viaduto-pastor-pacheco-de-brito/>. Acesso em: 04 de Outubro de 2021.

CAMPOS, L. S. **As origens norte-americanas do pentecostalismo brasileiro: observações sobre uma relação ainda pouco avaliada**. REVISTA USP, São Paulo, n.67, p. 100-115, setembro/novembro 2005.

CORRÊA, R. L. Formas simbólicas e espaço. Algumas considerações. **GEOgraphia** v. 9, nº 17, p.7-17. Pós-Graduação em Geografia da UFF-Niterói, 2007.

DOUGLAS, J. D., **O novo dicionário da Bíblia**, São Paulo: Edições Vida Nova, 1979.

EKSTRÖM, Leif. **Estudos sobre a Historia dos Batistas Independentes**. Campinas, Editora Batista Independente, 2008.

HAESBAERT, Rogério. **Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade**. Porto Alegre, 2004.

\_\_\_\_\_. **Território e multiterritorialidade: um debate.** GEOgraphia. v. 9. n. 17, p. 19-45, 2007.

\_\_\_\_\_. **Des-territorialização e identidade a rede "gaúcha"** no nordeste. Niterói: EDUFF, 1997.

KELM, Thiago Rafael Englert. **A formação da Assembleia de Deus no Brasil e a abertura para um novo modo de ser:** reflexões a partir de Paul Tillich. Revista Eletrônica Correlatio, São Paulo, v. 14, n. 28, p. 137 – 150. 2015.

MARCHI, Euclides. **O sagrado e a religiosidade: vivências e mutualidades.** In: História: Questões & Debates, Curitiba, v. 43, n. 2, p. 33-53, 2005.

MORAIS, E. E. **A Religião como Dispositivo de Biopoder:** Relações de Poder no Cristianismo Contemporâneo. Londrina, 2017.

NASCIMENTO, G.R. **O modelo missionário da assembleia de deus tradicional no Amazonas e sua relação com os Baré em são Gabriel da Cachoeira-AM.** 2020. Tese (mestrado em antropologia) -curso de antropologia- Universidade Federal Do Amazonas, Manaus, 2020.

NIEBUHR, H. Richard. **As Origens Sociais das Denominações Cristãs.** São Paulo, São Bernardo do Campo, ASTE/Ciências da Religião, 1992.

OLIVEIRA, Hélio Carlos Miranda de. **Espaço e religião, sagrado e profano: uma contribuição para a geografia da religião do movimento pentecostal.** Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n.34, v.2, p.135-161, ago./dez., 2012.

PENNA, Maura. **O que faz ser nordestino: identidades sociais, interesses e o "escândalo" Erundina.** São Paulo: Cortez, 1992.

PEREIRA, C. J. **GEOGRAFIA DA RELIGIÃO: UM OLHAR PANORÂMICO.** Curitiba, Departamento de Geografia – UFPR. 2013.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do poder.** Tradução de Maria Cecília França. São. Paulo (SP): Ática, 1993.

ROSENDAHL, Z. **Uma procissão na geografia.** Rio de Janeiro: EDUERJ, 2018.

SACK, R. **O significado de territorialidade.** In: DIAS, Leila Christina; FERRARI, Maristela (Orgs.). Territorialidades humanas e redes sociais. Florianópolis: Insular, 2013.

SANTOS, Joceneide Cunha. XAVIER, Laila Ferreira. **IDE POR TOOD MUNDO: A IGREJA ASSEMBLEIA DE DEUS E SUA EXPANSÃO PARA MOÇAMBIQUE.** In: Educação e Contemporaneidade, XIX. 2020, São Cristovão. Anais, educon. p. 2-14.

SILVA, C. J. **A Doutrina dos Usos e Costumes na Assembleia de Deus.** Tese de doutorado em ciências da religião. Goiânia: Universidade Católica De Goiás, 2003.

SILVA, C. C. N. e. **Campina Grande - PB cidade média paraibana e sua influência sobre o município de Massaranduba - PB.** 2011. 26f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2011.

SOUZA, Marcelo I. S. **O TERRITÓRIO: SOBRE ESPAÇO E PODER, AUTONOMIA E DESENVOLVIMENTO** O Problema da Escala. In: Geografia: Conceitos e Temas, org. I.E.Castro, P.C.C. Gomes e R.L. Corrêa, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil,1995.